A CENA *muda*

N.º 27 ★ 5-7-51
Cr$ 3,00
em todo o Brasil



CINEMA
RÁDIO
MÚSICA
NOVIDADES



RC-4


Bom chute, só com um
bom SAPATO
e Bons
SAPATOS
só os
da
É A MAIOR
E MELHOR
SAPATARIA
DA AMERICA
LATINA.
insinuante
CARIOCA, 46-48 – 7 de SETEMBRO, 199-201
AT. SEMOG.


INSINUANTE


INSINUANTE

BRANCO NO PRETO

VÁRIOS cinemas estão sendo construidos na Capital da República. Alguns há mais de dois anos. Será que estão esperando a majoração de prêços dos ingressos? O público, cada vez mais numeroso, continua exigindo casas.

★

O cinema nacional continua elevando ao estrelado rapazinhos bonitos e sem qualquer expressão, verdadeiros manequins que melhor assentariam nas vitrines de casas de moda. Exemplo: Cyl Farney.

★

UM conselho: os dirigentes do cinema Pathé devem mandar retirar, o quanto antes, as 4 primeiras filas de cadeiras do seu salão de projeção. Sem dúvida alguma, estamos desconfiados que o sr. Marc Ferrez é sócio de alguma ótica. Ou êle próprio não vê êsses absurdos?

★

NOTÍCIA de última hora: foi comprada a Rádio Clube pelo vespertino "Última Hora". Talvez assim as coisas melhorem e o broadcasting carioca possa contar com mais uma estação.

★

UMA cena degradante às portas de qualquer cinema do Rio: molecotes maltrapilhos a importunarem os espectadores com as mãos estendidas em busca de uma esmola. Ou a polícia deve tomar providências, ou os gerentes de cada uma dessas casas devem se incumbir de fazer a limpeza. O que não está certo é que, além das filas enormes na bilheteria e dos maus tratos do vagalume, os espectadores tenham de enfrentar as mãos imundás de maltrapilhos mal educados.

FÓRMULAS

HÁ, evidentemente, uma crise de argumentistas no cinema mundial. Raros são os filmes aos quais se assiste, sem que se saiba, de início, tudo o que vai acontecer. Parece mesmo que existe nos estúdios cinematográficos, um departamento especializado em criar fórmulas para serem obedecidas, como um livro de receitas culinárias. Uma colherinha a mais disso ou daquilo, estraga a obra-prima. Tudo é muito bem estudado, bem dosado, e os temperos não podem falhar em relação ao paladar do público. Assim, não admira que num celulóide faroeste, o mocinho conhece quase sempre o pai da mocinha, êste morre, o mocinho tenta vingar sua morte, arranja meia-dúzia de inimigos, descobre que o noivo da mocinha é o chefe da quadrilha, mata-o, depois de um longo tiroteio, apaixona-se por ela, diz que vai embora, pega o cavalo, mas ela vai atrás e somem, lá em baixo, atrás da primeira colina de papelão, com o sol morrendo, por efeitos mágicos de um refletor bem colocado... Já nas fitas de psicanálise, a heroína é quase sempre uma louca, que não sabe o que sente, até que encontra o mocinho, amigo de um médico, e, corre daqui corre dali, descobrem que um certo tio da jovem, seu pai de criação, tenta matá-la a fim de ficar com sua fortuna, herança paterna, mas o mocinho não bobeia, choque daqui choque dali, chega à conclusão de que a moça não é doente, mas sim seu tio, e resolve interná-lo, não sem muito esfôrço e não sem descobrir primeiro que êle mantinha um negócio clandestino de narcóticos, num suspeito clube noturno à beira do cais, para dar melhor efeito, e casam-se, sim, pois a mocinha não era doente, pelo contrário, era até muito boa... Nas fitas de "gangsters" então, é infalivel: tudo começa na prisão, quando o "bamba" tem um plano preparado para a fuga, juntamente com mais três ou quatro, conforme o "cast", liquidam dois guardas, fogem, apesar do alarme, pegam um carro que os espera na estrada, matam os dois guardas da rádio-patrulha, trocam de roupas, ligam o rádio, ouvem as noticias, encontram-se com um chofer de garagem, planejam um assalto ao banco, matam o caixa, o vigia, mais três guardas, na hora de dividir o dinheiro, matam-se entre si, sobra um, foge, mas o mocinho sai ao seu encalço, brigam, há um tiroteio, o "gangster" cai morto na sarjeta, o mocinho recebe uma recompensa e fica com a mocinha, ex-do-bandido, que já lhe dava uma bolinha durante o desenrolar da fita... Nos filmes musicais, a cantada é sempre a mesma, também: o herói, sujeito de talento, que sapateia, dança, canta, briga, ama, quer montar um "show" mas não tem dinheiro, monta a cavalo, encontra uma moça que canta, sapateia, fuma, joga bilhar, canta e requebra muito bem, tomam sorvete juntos, cantam, trocam um beijo, sapateiam, encontram um empresário engraçado, cantam, o empresário resolve financiar o "show", sapateiam, começam os ensaios, cantam e sapateiam, brigam, o "show" fica suspenso, tomam um trem, encontram-se novamente, cantam, estream o "show" e vivem muito felizes, sai dessa... Os filmes históricos então são uma lástima: pega-se o livro original, já por si cheio de falhas, entrega-se a um cenarista, que acrescenta-lhe outras falhas, e na hora da filmagem surgem outras falhas, por conta e responsabilidade do diretor. Assim, encontramos telefones no século XVI, sapatos Luís XV usados por Luís XIV, bigodes postiços colocados no lábio superior e passando para o inferior na hora dos diálogos, construções gigantescas de papelão que tremem quando o diretor grita irritado, e onde as roupas são tão vistosas e de côres tão berrantes, que o tema parece invariàvelmente o mesmo: um baile de carnaval num clube de primeira classe... E assim, continuam os escritores de cinema escrevendo sempre as mesmas xaropadas, inspirando-se em suas próprias fitas e nas fitas dos outros, num intercâmbio espiritual audacioso. E, por cúmulo da ironia, ainda existe uma cláusula que é obrigatòriamente cumprida em tôdas as fitas: "Qualquer semelhança com pessoas ou fatos reais, terá sido mera coincidência".

leon eliachar



Ao alto: Marisa Prado no papel de Durvalina, em "Tico-Tico no Fubá". Em baixo: cena de "Terra é sempre Terra"

MARISA PRADO A "CINDERELA" DO CINEMA NACIONAL

UM BELISCÃO TÔDAS AS MANHÃS — ACREDITA QUE AINDA ESTÁ SONHANDO — ESTÁ FAZENDO O SEU SEGUNDO FILME

De Paulo KALAMAR

São Paulo, junho: — O impossível acontece, sim senhores. Para Marisa Prado ser "estrêla" de cinema era um sonho impossível. Mas aconteceu. Ela já trabalhava na Vera Cruz. Primeiramente como datilógrafa. Depois, como assistente da secção de corte e montagem. Ajudou a fazer "Caiçara". E ficaria contente da vida, se um dia lhe fôsse permitido aparecer numa "pontinha" de um dos filmes dos estúdios de S. Bernardo.

Mas um dia, Abílio P. de Almeida, o vilão de "Caiçara", se tornou uma espécie de fada. Êle estava procurando a artista principal para o seu filme, "Terra é sempre terra". Muita gente boa fêz teste e não logrou aprovação. Abílio resolveu então experimentar "o sapatinho de cristal" na linda Gata Borralheira (não pensem que ela trabalhava demais) dos estúdios. O resto da história é conhecida: ela ganhou o papel e se tornou uma brilhante promessa da nossa cinematografia.

Marisa começou, como Carlos Gomes, por onde outras acabam. "Estrêla" desde o primeiro filme. "Lina", de "Terra é sempre terra" foi o seu primeiro papel. Fêz uma menina-moça bonita (fácil para ela), que luta contra um marido rude e ama um jovem apaixonado mas sem fôrças para garantir a posse de uma velha fazenda e o amor da linda caboclinha.

Agora ela está fazendo seu segundo filme. Êsse tão falado "Tico-Tico no Fubá", ao lado de Anselmo Duarte e de Tonia Carrero. A "Lina" de "Terra é sempre terra" se transformou em "dona Durvalina", a viúva do Zequinha de Abreu, um modesto e sonhador músico de província, que graças ao "Tico-Tico" se tornou (como sempre, depois de morto) num nome universal.

Hoje Marisa é uma "estrêla". Mas continua tão bonita e modesta como quando era uma meninazinha do interior do Estado de S. Paulo, de Araçatuba e S. Bernando. Outro dia, falando com o repórter de A CENA, ela ainda dizia:

"Sabe o que eu faço, todos os dias, quando acordo? Me dou um beliscão bem forte, para ver se estou acordada de fato. Parece que vivo sonhando. Nem acredito que já tenha feito um filme, que estou já fazendo um segundo. Que vou aparecer na CENA MUDA, que eu colecionava no interior e imaginava que jamais poderia publicar uma fotografia minha. Isto tudo ainda é um sonho fantástico e irreal para mim. Confesso que me emociono cada vez que um fã aparece para me pedir um autógrafo. E juro que estou sendo sincera".



Esta foi a primeira foto de Marisa Prado como estrêla de cinema. A modesta e anônima dactilógrafa começava enfrentar a câmara que viria lhe trazer a glória e a fama.

A CENA MUDA

SEMANÁRIO DE ARTE

ANO 30 ★ Nº 27 ★ 5-7-51

SUMÁRIO

Branco no prêto 3
Formulas (eLo Eliachar) 3
Mariza Prado, a cinderela ... 4
Telas da cidade 6
Tudo em família 7
Escandalos de Paris (cine-romance) 10
Confissões de Maria Felix (Alberto Conrado) 12
Rádio (Armando Migueis) .. 14
Flashes Mundiais 16
Como se conquista uma garôta (Leon Eliachar) 18
A história de Roberto Cañedo 20
Coluna do fã 21
Correio do fã 21
Joan Caufield e a sweater.... 22
Candidate-se ao cinema brasileiro 23
(Close-up) 27
O que vai pela Broadway (Jackson Flores) 28
Antes e Depois 29
(Close-up) 30
Melodias para você 31
Arquivo (Brooklyn Jack) 32
Música (Oswaldo da Cunha).. 32
Pausa para meditação 34
Glossário Cinematográfico (Hugo Schlesinger) 34

C A P A :

RICHARD CONTE
(U. International)

A redação não se responsabiliza pelos trabalhos assinados

EXPEDIENTE

Fundado em 1921 — Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA Diretor-presidente Gratuliano Brito.

Diretor-secretário: R. Peixoto de Alencar.

Endereço: Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro — Brasil Telefones: — Secretaria, 22-4447; Administração e Publicidade, 22-2550. Portaria, 22-5602 Endereço telegráfico: «Revista» número avulso para todo o território brasileiro, Cr$ 3,00. Assinatura Anual (52 números), Cr$ 150,00. Semestral (26 números). Cr$ 75,000. Registrada: Anual, Cr$ 180,00. Semestral, Cr$ 90,00. Estrangeiro: Anual, Cr$ 280,00; Semestral, Cr$ 140,00. Número atrasado, Cr$ 3,50. Agentes em tôdas as capitais e principais cidades do Brasil. Representantes: — Estados Unidos da América do Norte Aguiar Mendonça, 19 West 44th Street, New York City, N.Y. Em Portugal Helena A Lima, Avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º Distrito, Lisboa. Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques Uruguai Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Sucursal na Argentina «Inter-Prensa», Florida, 229, Buenos Aires Tôda correspondência deve ser enviada ao diretor.

★

Distribuição em São Paulo: A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 4-1569.

Rua da Conceição, 58 — 1º andar — Tel. 36-6718

CORRESPONDENTE EM HOLLYWOOD

VIOLET KINNEY

THMOMAS KEENE

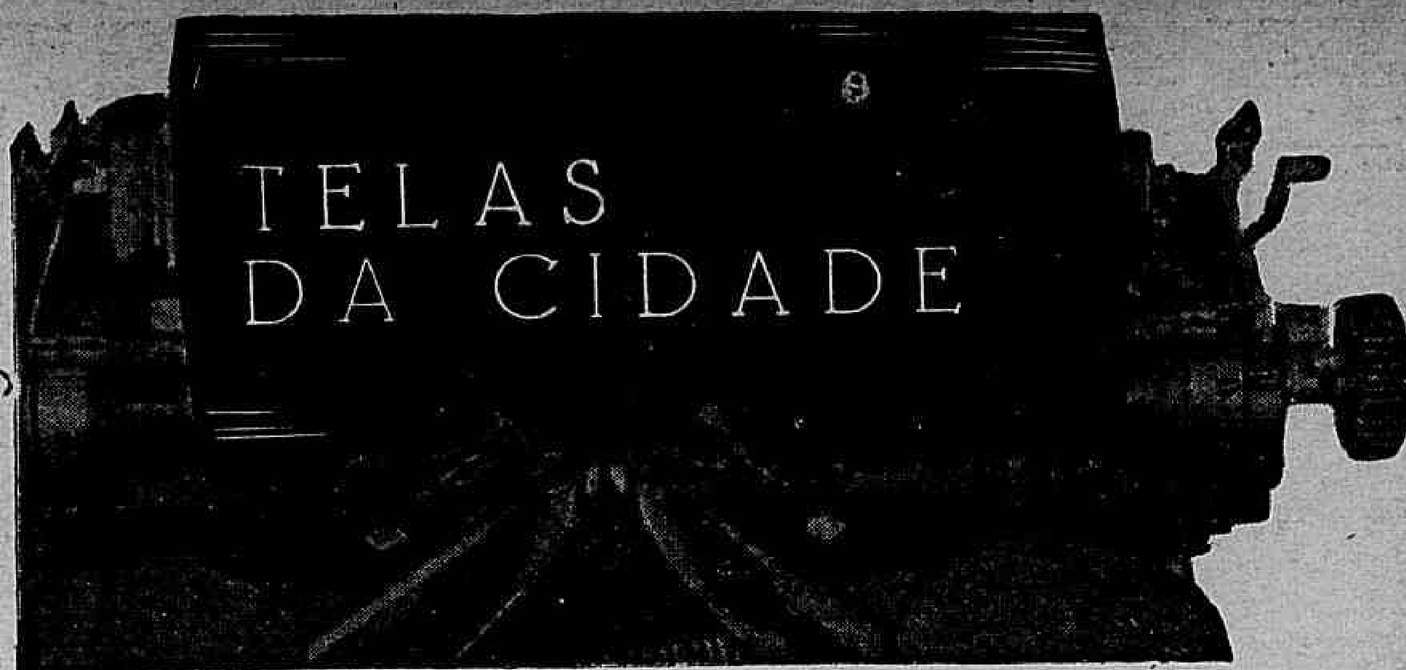
CORRESPONDENTE EM PARIS

JEAN DELMAR

Redator-Chefe da Publicidade Severino Lopes Guimarães

IMPORTANTE:

O preço desta revista é de Cr$ 3,00 em todo o Brasil. Não é permitida a venda por quantia superior à marcada na capa.



COTAÇÕES

1 - Fraco; 2 - Regular; 3 - Bom ;4 - Muito bom; 5 - Ótimo

O ÓDIO É CEGO

(*No Way Out — 20th Fox*)

FIRMADO numa cenarização não só inteligente como também muito habilidosa, Joseph Mankiewicz ("A Malvada") consegue apresentar um dos mais violentos e diretos protestos do preconceito de côr nos Estados Unidos Muito acima de "Pinky" e até mesmo de "Clamor Humano", "O ódio é Cego" aborda o problema de frente, sem evasivas e sem subterfúgios, porque, como êle existe é assim mesm oapresentado. O pretexto da história é sutil e inteligente: um "gangster", ferido pela polícia, antes de seguir para a penitenciária, passa pela enfermaria policial para os devidos curativos. No leito ao lado, seu cunhado, também ferido, recebe a assistência de um médico negro. Já de início, o "gangster", (Richard Widmark) demonstra seu ódio ao jovem doutor, pelos maus tratos e rudeza de palavras. Mas tudo vem culminar quando o paciente ao lado e submetido à uma intervenção cirúrgica infeliz, vindo a falecer. Widmark atribui tal fato não só à incompetência do médico como à sua verdadeira vontade de matar o branco. Faz tal alarde dêsse pressentimento ao ponto de servir como testemunha de tal "crime". Tôda a história se desenvolve daí. O ódio estampa-se fàcilmente na sua fisionomia. Boa direção, bom cenário, ótima fotografia e boa partitura. Interpretações esplêndidas de Rchard Widmark, Linda Darnel e de todo o "cast". Um filme que deve ser assistido por todos, amantes ou não do bom cinema.

Cotação artistica: 4 — *Cotação comercall*: 3

LINDA EMBUSTEIRA

(*Pretty Baby — Warner Bros.*)

Comèdiazinha sem grandes pretensões dirigida sem muita habilidade pelo sr. Bretaigne Windust, que, apesar de nos ter dado já alguns filmes, conserva o seu estilo teatral, de onde veio. A história é, até certo ponto, original e poderia ter resultado num melhor espetáculo, caso tivesse sido melhor cenarizada e interpretada. A garôta, Be'sy Drake (espôsa de Cary Grant), apesar de magrinha, é muito simpática. Dennis Morgan o mesmo cacete de sempre. Zachary Scott, embora deslocado, é sempre um bom ator, tanto no drama como na comédia. Edmund Gwen, como quase sempre, rouba o espetáculo. Contudo, o filme diverte em alguns momentos e agrada ao público menos exigente.

Cotação artistica: 1½ — *Cotação comercial*: 2

A PATRULHA DA MORTE

(*Between Midnight and Dawn — Columbia*)

Película que procura enal'ece ro trabalho e a eficiência da rádio-patrulha norte-americana. Pará isso, não dispensa o clássico "gangster" que desafia a polícia e a sua caça final, num prédio de apartamentos. Há também o herói que morre, depois da necessária história de amor, ficando a mocinha com o seu companheiro. Tudo muito bem feito, diga-se, não só devido à boa cenarização como especialmente à direção de Gordon Douglas Mark Stevens, regular Edmond O'Brien correto, como em suas últimas fitas Gale Storm pouco faz, mostrando-se bonitinha em alguns "close-ups". Ótima fotografia.

Cotação artistica: 2½ — *Cotação comercial*: 2½

CASA, COMIDA E CARINHO

(*Summer Stock — Metro*)

Filme musical da Metro, com a mesma rotina de sempre, com a diferença, um tanto hábil, que a ação se desenrola numa fazenda. Trata-se de uma companhia de amadores que deseja entrar no profissionalismo, preparando um "show". Surgem as clássicas dificuldades, o clássico romance de amor, mas no final tudo se resolve satisfatòriamente. Os números são apresentados fluentemente, alguns até bem razoáveis. Gene Kelly, simples, simpático, e ótimo dançarino que é, domina tudo. A parte cômica é fraca, salvando-se alguns trechos de Eddie Braken. Judy Garland, mais gorda do que uma baleia e mais velha do que o seu jovem galã, deve desistir do cinema ou tentar novamente o suicídio. Gloria de Haven, com uma bonita voz, deve ser melhor aproveitada. Direção comum de Charles Walters. Tudo em tecnicolor para agradar aos fãs do gênero. E agrada mesmo.

Cotação artistica: 2 — *Cotação comercial*: 3



Titio ! — dizia "La Dame" — eu preciso de sua ajuda...

ESCÂNDALOS DE PARIS

O eminente doutor Petypon (Jacques Moral), que ocupa uma importante posição no mundo médico francês, tem a fraqueza de exceder-se um pouco nas libações, durante o encerramento de um congresso de cirurgia, no que é acompanhado pelo seu confrade, o doutor Montgicourt (Robert Vattier).

Depois de algumas peripécias, acabam fixando-se no "Maxim", famoso cabaré da época (1900), onde o doutor Montgicourt, exausto de perambular pelas "boites" noturnas, abandona seu colega e amigo.

No dia seguinte, indo procurá-lo em seu domicílio, Montgicourt encontra o divertido doutor, não entre os lençóis do



Nada de liberdades, disse Petypon a "Môme Crevette"

Título original:

"LA DAME DE CHEZ MAXIM"

E L E N C O :

ARLETTE POIRIER	«La Dame»
SATURNIN FABRE	O general
JACQUES MOREL	Petypon
ROBERT VATTIER	Montgicourt
MARCELLE MONTHIL	Gabrielle Petypon
LUC ANDRIEUX	Etienne
JEAN MARSAN	Corrignon
JACQUES FABRI	O duque
COLETTE RIPERT	Clémentine
MARCELE PRAINCE	A duquesa

Baseado na peça de Georges Feydeau — Adaptação de Marcel Aboulker — Fotografia de Pierre Levent — Distribuição França Filmes — Direção de Marcel Aboulker.

leito, como seria normal após tão eufórica noitada, mas sob o sofá, acusando todos os sintomas de uma forte ingestão de "champagne" e outros alcoolizantes menos nobres.

Mas não param aí os aborrecimentos de Montgicourt. Com efeito, da alcova, onde se encontra o leito conjugal de Petypon, eleva-se uma voz feminina certamente estranha ao apartamento do doutor. Essa vez, logo o sabemos, pertence a uma irrequieta, endiabrada e sedutora jovem, conhecida nos meios galantes parisienses pela alcunha de "Môme Crevette" (Arlette Poirier) e pelas suas talvez excessivas amabilidades para com os frequentadores do "Maxim", de onde o doutor, inadvertidamente, a trouxera em sua companhia.

Eis que chega a senhora Petypon (Marcelle Monthil), espôsa legítima do doutor, respeitável matrona de meio século de idade e vinte de superstições, portadora de beatice crônica, e sujeita, segundo ela própria crê, a visões místicas de explicação inacessível ao comum dos mortais.

Ao penetrar na alcova, a senhora Petypon avista o vestido de "Môme Crevette" e dêle se apossa, julgando ser o que a costureira ficara de trazer-lhe.

Quando, porém, está para sobrevir o inevitável, isto é, a descoberta de "Môme Crevette", esta, já informada, por certo, dos complexos religiosos da dona da casa, apresenta-se como sendo o arcanjo Gabriel, enviado pelo Senhor para convidá-la a dirigir-se sem mais tardança à Praça da Concórdia, onde um homem a espera para conduzí-la aos seus altos e misteriosos destinos. Desembaraçando-se assim da senhora Petypon, "Môme" sai à procura do doutor e intima-o a conseguir-lhe um outro vestido.

Entrementes, recebe Petypon a visita de seu tio, o general Petypon du Grelé (Saturnin Fabre), recém-chegado da África e cuja fortuna o divertido doutor espera um dia agarrar com unhas e dentes.

O general, velha relíquia "estilo Regência", traz consigo o desejo de ver sua sobrinha, que ainda não conhece, a fim de solicitar-lhe a honra de assistir às festas de noivado de Clémentine (Colette Ripert), sua outra sobrinha, e do tenente Corrignon (Jean Marsan). Colhido em flagrante, o doutor Petypon só tem uma saída: faz passar a "Môme Crevette" por sua mulher.

Regressa a senhora Petypon da Praça da Concórdia. O general, que a acha um tanto excêntrica, julga estar diante da espôsa de Montgicourt. Ansioso por livrar-se de sua presença altamente comprometedora, Petypon fá-la deitar-se num sofá algo misterioso, pois tem a propriedade de adormecer as pessoas enfêrmas que nêle se recostam. Quando ela desperta, já curada da decepção de ver que os enviados divinos, tal como os sêres humanos, têm também o mau costume de faltar aos encontros, recebe o convite do general e decide assistir ao casamento de Clémentine. E assim a senhora Petypon segue com os outros para o castelo de La Membrole, residência do general, maugrado as objurgatórias de Montgicourt, que recebeu do doutor a missão de velar por ela.

No castelo, "Môme Crevette", cuja preocupação máxima é encontrar-se de novo com o tenente Corrignon, acumula gafes sôbre gafes, mas sua elegância, beleza e desenvoltura fazem com que tôdas as extravagâncias sejam aceitas pela sociedade provinciana do castelo de La Membrole, a qual as considera como autênticamente "highlife" da vida parisiense.

Entre os provincianos presentes figura um jovem imbecil, o duque de Valmonté (Jacques Fabri), que logo se apaixona pela deliciosa criaturinha.

O general incumbe a "Môme" de ministrar à Clémentine uma série de lições para que esta possa melhor seduzir o tenente Corrignon, seu noivo. As aulas têm início e em breve Clémentine aprenda as primeiras noções de uma ciência amorosa que não se encontrará, por exemplo, em nenhum programa pedagógico usado nos conventos ou nos internatos femininos...

Chega, por fim, o tenente Corrignon, e encontra Clémentine transformada pela insólita professôra de sedução, refletindo, em suma, tôda a malícia que irradiava da petulante e tentadora "Môme Crevette", entronizada tôdas as noites como a rainha do "French-Cancan" pelo sufrágio unânime dos frequentadores de "chez Maxim".

O tenente, entretanto, acaba encontrando a sua antiga amante e em breve se mostra disposto a partir em sua companhia, ainda que para isso precise desfazer o noivado.

Enquanto as coisas estão nesse pé, surge a verdadeira senhora Petypon, que julga ser a "Môme Crevette", por todos chamada senhora Petypon, a própria espôsa do general Petypon du Grelé.

A "Môme" foge com o tenente Corrignon e a cólera do general explode terrível contra a fugitiva, isto é, contra a que êle pensa ser a senhora Petypon.

A senhora Petypon (a autêntica) aparece nesse momento, julga-se insultada e esbofeteia o general. Êste, indignado, devolve a bofetada à cara de Montgicourt, que acabara de entrar, certo de ser êle o marido da verdadeira senhora Petypon.

A embrulhada é completa. O general, armado de sua cólera dos dias de batalha, resolve partir em perseguição da infiel e atirá-la depois aos pés de seu marido, para evitar o escândalo que ameaça o nome ilustre dos Petypon passados e presentes.

E no dia seguinte todos regressam a Paris.

O general descobre, por fim, a "Môme" e procura convencê-la a voltar para junto de seu marido. Aceita a sugestão, pois não deseja, diz ela, arruinar a carreira do tenente Corrignon, o general, radiante com o triunfo alcançado sôbre as armas poderosas do "sexo-fraco", apressa-se em comunicar a seu sobrinho a boa notícia. Marca-lhe, pois, um encontro no "Maxim", onde, no decorrer de lauto jantar, espera reconciliar as partes adversas.

O doutor, porém, não se acha em casa quando o general vai visitá-lo, e o militar deixa-lhe um convite que, infelizmente, cai nas mãos da verdadeira senhora Petypon.

Assim, pois, todos se encontram reunidos nos salões particulares de "chez Maxim".

O doutor Petypon, alarmado, usando de mil artimanhas para livrar-se de sua mulher, cujá presença é aos seus olhos totalmente inesperada, acaba escondendo-se sob uma mesa de rodas, entre os assados e os doces de uma ceia prestes a ser atacada pelos comensais.

Quem descobre é o general, imaginando, entretanto, que o divertido doutor se postara nessa ridícula posição apenas com o intuito de vigiar as suas atitudes junto à "Môme Crevette". Esta, com efeito, ostenta todos os seus meios de sedução para conquistar o general, chegando mesmo, fiel a êsse propósito, a simular uma escandalosa cena de amor com o jovem Valmonté, duque e imbecil.

E ao som de um "French-Cancan", dançado pela famosa quadrilha do "Maxim", o general Petypon du Grelé ouve e aceita cegamente as explicações fantasistas que sôbre essa incrível embrulhada a "Môme Crevette" lhe impinge entre abraços e beijos. Ouve-as, aceita-as e, em seguida, no seu perfeito "estilo Regência"... pede-lhe a mão em casamento.

FIM



O velhote general divertia-se a valer com suas diabruras



Quanto Montgicourt deu por si encontrou em sua cama "Môme Crevete"



TRÊS GERAÇÕES: Lana Turner entre sua filhinha Cheryl Christine e sua mãe, Gradna Milched Turner.

TUDO EM FAMÍLIA

De THOMAS KEENE ★ Fotos METRO

HOLLYWOOD, junho — Os «astros» do cinema também são gente de família. Muitos dêles têm papai e mamãe, irmãos e irmãs, noivos e noivas, marido e mulher, filhos e filhas e alguns até mesmo netos. A popularidade e a glória não os deixa tão alheios assim, tão donos de si mesmos. Fora da tela, êles sempre encontram tempo para visitar seus parentes, matar as saudades, relembrar os tempos idos. Embora representem para os fãs um ser privilegiado, para a sua família não passam da mesma pessoa, com os mesmos hábitos, com as mesmas qualidades e defeitos. Grande parte dos artistas de cinema vivem em casa com a própria família e a ela se dedicam com todo o carinho e afeto, porque reconhecem que antes mesmo de serem artistas, são sêres humanos como qualquer de nós — e têm suas tristezas e alegrias como qualquer ser mortal. Nestas páginas apresentamos alguns flagrantes onde focalizamos os «momentos alegres» de alguns dêsses famosos deuses da tela.



Ângela Lausbury e sua progenitora Moyna Macgil celebram a data em que aparecem juntas pela primeira vez num filme: «Kind Lady».



Howard Keel entre suas mais ardentes admiradoras: mamãe e vovó!



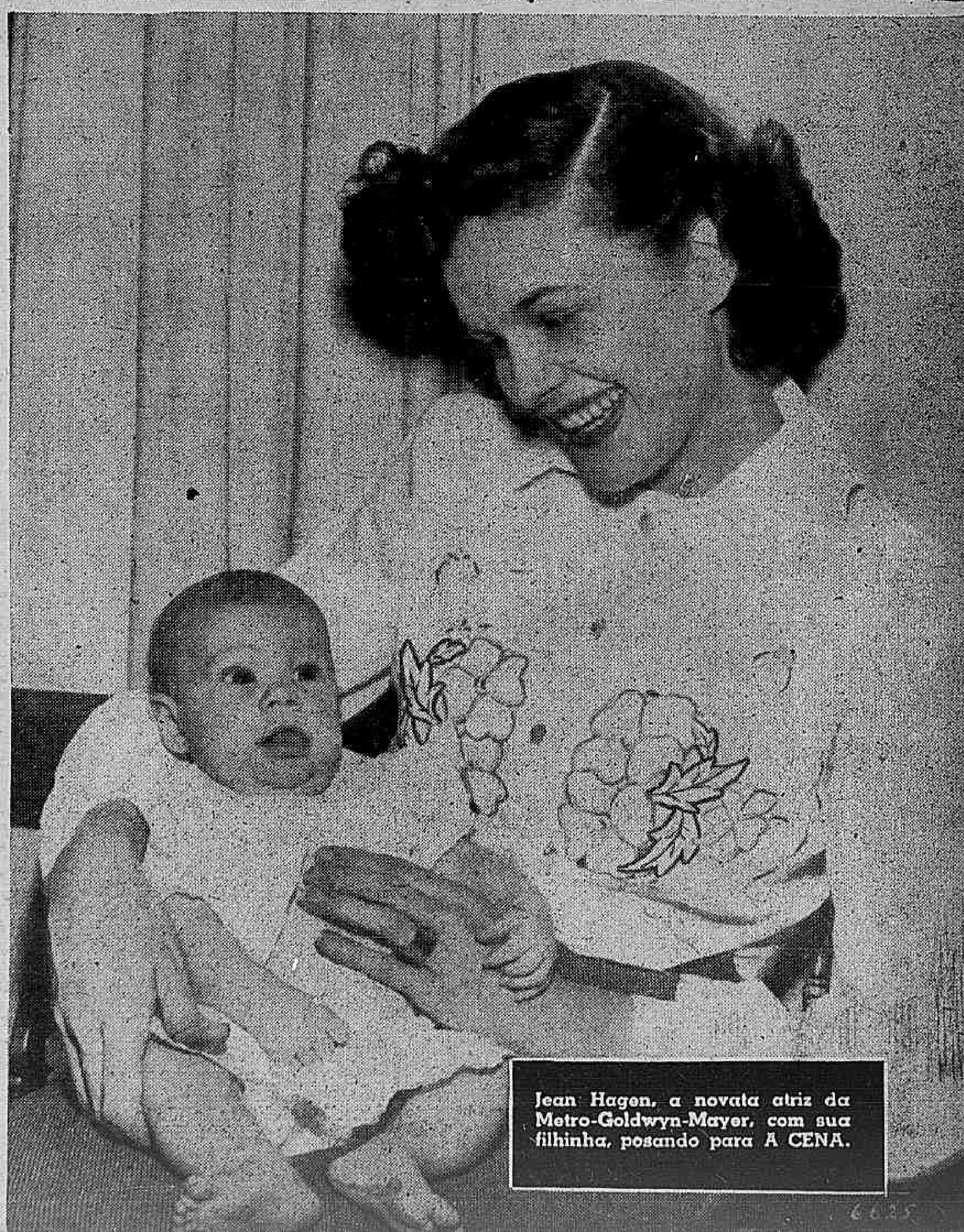
Onde mamãe Deborah Kerr vai, ali está, também, sua filhinha Melinda: na Inglaterra, na África, em Roma, em Sun Valley. São inseparáveis e fazem um bonito par.



Uma futura cantora? Ninguém pode prever. Trata-se da filha de Kathryn Grayson — Patty Kate — o que é uma grande credencial.



Cyd Charisse — uma das mamãs mais glamourosas da tela — ao lado de seu espôso, Tony Martin, e de seu filhinho Tony Junior.



Jean Hagen, a novata atriz da Metro-Goldwyn-Mayer, com sua filhinha, posando para A CENA.



Bengie e Keith são os dois futu-
ros campeões da natação, pois
filho de peixe, peixinho é. Esther
Williams, o peixão, está contente.

CONFISSÕES DE MARIA FELIX

MARIA FELIX
prisioneira de si mesma.

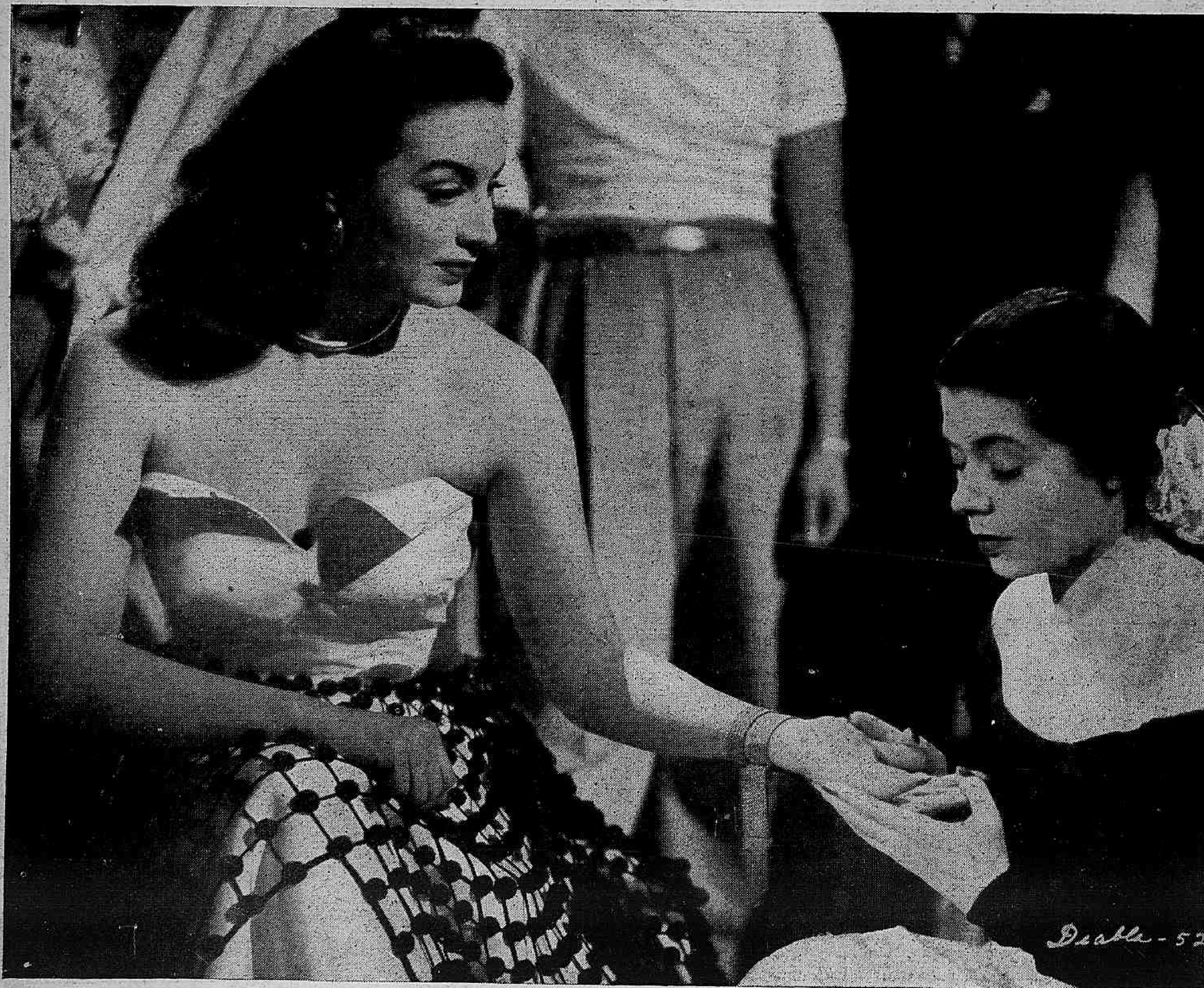
CAPÍTULO I

O QUE O ROSTO OCULTA

ESTRANHO DEPOIMENTO INTERIOR DA VIDA DE UMA MULHER NUMA SÉRIE DE SENSACIONAIS REPORTAGENS ★ ENCONTRO NO MÉXICO ANTES DE SUA PARTIDA PARA A ESPANHA ★ A CRENÇA E A IMPORTÂNCIA DA IMAGINAÇÃO ★ O QUE INTERESSA É A FIDELIDADE DO RETRATO MORAL.

De ALBERTO CONRADO — (Esclusivo para A CENA)

Cidade do México — Creio na imaginação e na sua importância. Creio que existe certa música em todo bom relato em prosa. Existe tom e côr nas palavras assim como nas notas músicais. As pessoas também possuem certo colorido. Que importa a idade, a côr do cabelo e o aspecto das pernas?... Nada. Absolutamente nada. Importa sim, a fidelidade do retrato moral. Ao iniciar esta série de reportagens sôbre Maria



Seu destino tem sido uma constante sucessão de fracassos. matrimoniais. E o futuro segue sendo injusto.

Felix e reler todo o trabalho, já fiquei firmemente convencido de que tudo que nelas relatou é verdadeiro e que, ainda quando pus nos seus lábios algumas fráses inventadas, consegui com isso mesmo captar melhor o espírito. Quer dizer, que se Maria Felix não disse algumas coisas que aqui figuram deveria té-las dito. Era a única forma de escrever sua história para captar o verdadeiro sentir dessa beleza excepcional. Alguém já disse. "As pessoas não existem. Existem seus sonhos". Escrevi, pois, a impulsos de minha imaginação e com a mesa abarrotada de notas e observações. Em poucas palavras, fiz um retrato autêntico da autêntica Maria Felix. A tarefa não foi fácil. A atriz mexicana não é eloqüente com os jornalistas. Foi comigo por inexplicáveis razões ou talvez porque eu fui sincero para com ela quase com as mesmas palavras com que começo estas reportagens. Maria Felix não agrada aos jornalistas. Cabe admitir, entretanto, que esta animosidade é, até certo ponto, justificada. A "estrêla" poucas vêzes os recebe. Por isso, salvo as gazetas poblicitárias, se tem feito comentários desconsiderados sôbre ela. Assim, ao desenhar sua silhueta, muitas vêzes se empregaram adjetivos tais como artificial, convencida, perfeita negação de modéstia... Em mais de uma ocasião — recorde-se quando se suicidou sua secretária — a imprensa foi até cruél para com ela. Contarei esta história de maneira tal, que vocês leitores se sintam amigos pessoais de Maria como me senti eu mesmo quando ela me disse a primeira vez que nos vimos: "Eu penso que posso confiar no senhor e ser seu amigo".

PRIMEIRAS IMPRESSÕES

Apresentada pelos produtores como a "mulher mais bonita do mundo", Maria Felix ascendeu a fantasia, ràpidamente provocou a curiosidade e sugestionou aos fãs de todo mundo. Naturalmente as mulheres foram severas. "Não há que fiar-se do cinema — murmuravam — também qualquer de nós com essas luzes e êsses truques, modificaria da noite para o dia".

Porém Maria Felix é ainda mais bonita pessoalmente do que no cinema. Sòmente numa de suas últimas películas o grande fotógrafo Figueroa conseguiu mostrá-la em todo seu esplendor de sua beleza e elegância. Formosura e elegância que cuida excessivamente mas que não trascende a egolatria senão a um verdadeiro sentido estético. Nunca falta às exibições de vestidos, chapéus, péles jóias... Jamais se apresenta em público sem ter antes cuidado de sua maquillagem e vestimentas. Eu a conheci numa manhã de meiados de maio de 50 na Cidade do México, quando Felix voltava, apenas por poucas semanas, para o país azteca, afim de tomar umas pequenas férias de seu trabalho nos estúdios madrilenhos onde filmava junto a Antônio Vilar "Uma mulher qualquer". Era um dia turbio no aeroporto da capital mexicana. O céu enegrecia e borrava a paisagem. Um colega mexicano, cronista cinematográfico, disse:

"Numa manhã como esta, e depois de 48 horas de vôo, não creio que a beleza de Maria Felix deslumbre a ninguém".

Eu concordei. — Aguardavamos a chegada do avião fazia mais de uma hora e já começavamos impacientarnos. E sua chegada, que, para mim, constituia a primeira oportunidade de ver a famosa "estrêla", começava a perder o interêsse, porque a possibilidade de uma entrevista se esfriava ante as palavras que alí e acolá se ouviam pouco alentadoras.

"E' inútil investigar seu passado... Apenas fala de seu último filme".

"Guardo no mais impenetrável segrêdo os acontecimentos mais destacados de sua existência".

Repentinamente, o roncar dos motores de um colosso do ar, advertiu-nos da proximidade da "estrêla". Desceu deslumbrante, inverossímil, demasiadamente bela para ser verdadeira. Pese a longa viagem sua extraordinária beleza não tinha sofrido alteração nenhuma. Alí estava frente a nós, com um ar de adolescente, com seus profundos olhos escuros, sua boca carnuda e seu andar de gazela. Pelo seu ar tive entretanto uma má impressão do carater da artista e pareceu-me difícil, muito difícil mesmo arrancar de si qualquer coisa interessante. O quanto eu me enganava. Com tudo, depois de conhecê-la. Depois que me brindou sua cálida amizade na qual me confiou sua vida, seus sonhos, seus amores e a intensa tragédia que escurece sua alma, compreendi que meus pensamentos tinham sido injustos... Sua história é a mais que se possa imaginar. Uma história na que estranham penetraram casos tão incríveis, episódios tão estranhos que quiçá o leitor suspeite de exageração quando narre que um príncipe

(Cont. na pág. 26)



Pensativa e pessimista Maria Felix deixa aqui transparecer o que seu rosto deve ocultar: uma amargurada vida.

Rádio

ARMANDO MIGUEIS

TIA CHIQUINHA ESTÁ BRILHANDO

NÃO raros conseguiram a evidência radiofônica pela mão de Silvia Autuóri, num período em que o rádio era uma esperança. Coube-lhe, ao tempo do velho casarão da rua Santo Cristo, dar realidade ao sonho de alguns meninos e meninas que, nos dias presentes, figuram na letra "o" das fôlhas de pagamento das emissoras cariocas. E' que Silvia Autuóri, para êsses, tornou-se verdadeira mãe, mostrando-lhes o caminho seguro para vencer no rádio. Outra não era a finalidade do programa "Hora do Guri", que a Tupi, em seus primeiros arroubos, tinha como filtro de valores. Porém, como tudo que é bom, êsse "broadcast" desapareceu das ondas hertzianas, deixando na rua da Amargura, um regular número de órfãos. Tia Chiquinha, a bôa Silvia Autuóri, passou a escrever programas para gente grande e novelas para as donas de casa, deixando a gurizada entregue aos "brucutus" e "marveis".

Mas, ao que parece, os adultos não convenceram Tia Chiquinha. Tanto assim, que ela voltou ao convívio da garotada e através do mesmíssimo microfone. Não mais com a "Hora do Guri" e sim com "Curumins da Tupi". No final das contas é a mesma coisa. Porque, o idealismo puro de Silvia Autuóri, o amor e a dedicação às crianças, o carinho em apresentá-las convincentemente, permanecem os mesmos. Tia Chiquinha regressou ao convívio de seus pequenos ouvintes, num período em que tanto se exige da infância. Por isso, a iniciativa da emissora associada, vale como grandiosa contribuição ao trabalho encetado pelas autoridades federais no tocante à alfabetização em massa. Isto, porque através de "Curumins da Tupi", Silvia Autuóri realiza um trabalho de aprimoramento cultural, graças a tudo quanto leva para o microfone.

ACONTECEU NO RÁDIO

A senhora Perpetua Moraes Alves, conforme noticiaram os vespertinos e matutinos, não gostou da entrevista concedida pelo "medalhão" Francisco Alves a uma revista especializada. E' que o "rei da voz", nêsse bate papo, afirmara ser casado com a senhora Célia Zenatti. Por isso, dona Perpetua vai bater ás portas do judiciário, a fim de assegurar os seus direitos, sabido que lhe cabe a primazia de têr sido desposada pelo grande artista, no dia 24 de maio de 1920. ★ Neusa Maria, com aquela vozinha que canta e encanta, deu um pulo até a terra dos pinheirais. A queridíssima "estrêla" vai mostrar seu novíssimo repertório ao pessoal paranaense, inclusive o recente baião que Nestor de Holanda escreveu. ★ A propósito de Nestor de Holanda, têmos uma agradável notícia para os que apreciam suas atividades jornalísticas. Êle está escrevendo um livro de anedotas referentes ao pessoal do rádio. Êsse trabalho do produtor da PRE-8, ao que tudo indica, está fadado a grande sucesso. ★ Tomou posse do cargo de diretor do Serviço de Divulgação da Prefeitura, o sr. Fernando Tude de Souza que, durante algum tempo, esteve à testa da PRA-2. Velho conhecedor do assunto, tendo realizado uma obra das mais apreciáveis no setor rádio-educativo, Fernando Tude de Souza promete grandes novidades para a Roquete Pinto. ★ Arí Barroso voltou ás transmissões esportivas, atendendo as determinações dos dirigentes da tevê Tupí. Dessa maneira, além de seu programa de Calouros, o "hômem da gaitinha" pode ser visto e ouvido na descrição das pelejas futebolísticas em que, por sinal, se tornou uma figura das mais populares. ★ Osvaldo Gouveia continua produzindo histórias em capítulos para o broadcasting guanabarino. Desta vez, coube a PRG-3 o lançamento do mais recente trabalho dêsse gênero escrito pelo antigo cronista especializado da Vanguarda. ★ Max Nunes excedeu-se em produzir para o microfone. Resultado: está proíbido de escrever programas. Assim, Mário Brasini assumiu a gerência do "Edifício balança, mas não cai..."

AINDA OS MELHORES DE 1950

João Melo, nosso estimado companheiro de crônica radiofônica e presidente de honra da A. B. C. R., através de sua seção especializada, expendeu considerações a propósito da escolha dos "melhores do rádio em 1950". Trata-se de trabalho que merece ser apreciado pelos que acompanham o movimento rádiofônico da Cidade Maravilhosa. Daí, a transcrição que fazemos:

"Em duas gáginas abertas, ilustradas com os retratos dos artistas mencionados no texto, ocupa-se, a "Revista do Rádio", dos segundos colocados no concurso dos "Melhores de 50". Os comentários publicados e a presença das reproduções fotográficas levam o leitor a imaginar que o juri, arbitrário, convocado para aquêle julgamento, poderia reformar seu critério, agora, depois da festa da consagração, na qual foram entregues aos vencedores as medalhas da vitória. Talvez. Não porque os juizes escolhidos pela revista houvessem levianamente pôsto nas chapas, vazias de nomes, aquêles mais merecedores. Mas é provável que alguns dos considerados em segundo lugar fôssem então pôstos na primeira fila... Sabe-se que, examinados atentamente os merecimentos dos vitoriosos e os dos mencionados agora na revista, como tendo tido a oportunidade de figurar no quadro dos segundos colocados, êsses não se apresentariam como inferiores aos premiados. Em geral, não ocupamo segundo lugar, por serem secundários. São iguais aos outros. Os juizes, porém, não podiam votar em dois ou três nomes de cada classe. Votaram nos que lhes foram mais simpáticos no momento. O comentário da "Revista" informa que entre os escolhidos há o pensamento conhecido de não haver superioridade no merecimento dêles em relação aos demais radialistas, não sòmente àqueles ocupantes da segunda classê, mas a muitos outros, inteiramente esquecidos na fase da seleção. O humorista Lauro Borges declarou, e foi consignado: "Eu nunca fui melhor em coisa alguma!..." O excelente artista declarou-o, experimentando sinceramente o que dizia. O concurso dos "melhores de 50" foi, então, a causa de possíveis ciumadas. Outros humoristas poderiam ter ficado magoados... Fêz, por isso, muito bem em manifestar seu sentimento e seu desprendimento o apreciado autor da PRK-30. E' os julgadores — penso poder afirmá-lo — não tiveram em mente proclamar a inferioridade de todos aquêles que não receberam a indicação da maioria, para a destacada categoria dos mais votados e com direito a fazer bonito no grande espetáculo do Carlos Gomes. Não houve, por certo, na eleição dos "melhores" senão a intenção de indicar "superioridades", sem o propósito de comparar. "Melhores!" Maneira de dizer... Outro radialista premiado — o escritor Amaral Gurgel — declarou, pouco antes de ter opinado Lauro Borges, que seu prêmio deveria "ser repartido entre todos os novelistas de rádio, porque fazer novela era um caso sério..." Tirante a evidente modéstia do escritor, sua manifestação é isso mesmo: os novelistas são merecedores igualmente da admiração de seus ouvintes. Haverá — é claro — exceções... Ainda aí não teve o juri o desprimor de inqualificar os colegas da especialidade do declarante. Mais um notável radialista que está em segundo lugar; o locutor esportivo Oduvaldo Cozzi, ainda há pouco distinguido pràticamente pela Continental, com uma bolsa considerável e uma viagem à Europa. Não há superiores a êle. Nem há superiores aos demais. Pena é não poderem ter sido eleitos "melhores" todos os bons radialistas, em grupos de três ou quatro..."

FLAGRANTES DO MOMENTO



Casou Manoel Barcelos!

Acontecimento importante na vida radiofônica do país, onde o presidente da Associação Brasileira de Rádio desfruta de enorme popularidade. Barcelos seguiu o exemplo de tantos outros companheiros de microfone, ingressando, dêsse modo, no rol dos homens sérios. Casou-se o exclusivo da Rádio Nacional, com a senhorita Isa Malaguti.

A ambos, nossos votos de felicidades.



FRANCISCO ALVES
dona Perpétua está aborrecida.



NEUSA MARIA
ela foi à terra dos pinheirais.

FORA DA ONDA

NOVIDADES MADE IN U. S. A. — A National Broadcasting Company acaba de completar uma investigação sôbre os hábitos dos ouvintes de rádio durante as manhãs de sábados. Chegou à surpreendente conclusão de que nas horas matutinas, "não" são apenas crianças as que escutam rádio. Segundo a investigação da NBC, a audiência infantil é absolutamente predominante até as dez horas da manhã. A partir dessa hora e até ao meio-dia, a audiência é quase que inteiramente adulta e do sexo feminino.

★

Paul Whitman bateu todos os "records" no número de pessoas que trouxe para um de seus últimos programas de televisão. Na "Revista Dominical", que é como se chama êste programa do Rei do Jazz, foram apresentados, além dos artistas efetivos do programa, um côro do Exército formado por 32 cantores e um grupo de cadetes de West Point, elevando o número de pessoas presentes em uma cena, a 120.

★

O prazer de Antônio Maria — O vivo e brilhante produtor das "emissoras associadas", de quem somos leitor obrigatório, não esconde seu entusiasmo pela vitória de um colega ou pelo êxito de uma estação. Agora, por exemplo, observando as grandes melhoras da PRA-9, êle confessa: "Com grande prazer, vimos que a Mayrink está cheia de anúncios. Ouvimos, ontem, à tarde, e éram tantos os jingles e textos! Um programa de meia hora não conseguiu irradiar mais que 3 músicas. Se existe o lado ruim, isto é: o excesso de fala, sentimos a alegria de ver a "sua PRA-9" com sintomas de quem está faturando bem".

"O comerciante que não usa o rádio para fazer propaganda dos produtos que vende, está, na verdade, perdendo dinheiro, pois deixa de atrair freguêses certos que viriam por meio da propaganda radiofônica". Esta é a opinião de H. Normah Neubert, gerente de Propaganda da National Broadcasting Company. Neubert referiu-se aos dados encontrados pelo Boreau de Pesquisas sôbre Propaganda e declarou:

★



PAUL WHITMAN
campeão absoluto.

★

"Estudos especializados mostram, sem lutar à dúvida, que 55 entre cada 100 freguêses das casas comerciais norte-americanas fazem suas compras de acôrdo com a propaganda feita pelos vendedores. Dêsses 55 que seguem as sugestões da publicidade, 25 seguem a propaganda radiofonica, 22 a dos jornais e apenas 8 são influenciados por outros meios de propaganda".

★

Uma artista — Lia Cimaglia-Espinosa, cujos primeiros estudos de piano foram realizados com Alberto Williams e Celestino Piaggio, deu seu primeiro recital em 1920, sendo menina ainda. Aperfeiçoou-se depois com o maestro Jorge de Lalewicz, efetuando uma série de recitais em seu país natal e no Uruguai. Distinguida com uma bolsa de estúdos pela comissão nacional de Cultura da Argentina, rumou para a Europa em 1938. Em Paris, realizou intensivos estudos com Alfredo Cortot, Yves Nat e Isidoro Philip, além de oferecer concorridas audições no Salão Pleyel. A deflagração da guerra impediu-a de atuar na Alemanha e na Itália, como pretendia. Em 1940, de volta da Europa, apresentou-se no Teatro Municipal do Chile, obtendo memorável êxito. Percorreu, então, a América do Sul, realizando concêrtos em Montevidéu, São Paulo, Rio de Janeiro, Viña del Mar e Lima.

Lia Cimaglia-Espinosa, recentemente, apresentou-se ao público rádio-ouvinte do Brasil, através do programa "Ondas Musicais".

FLASHES MUNDIAIS

INGLATERRA



LAURENCE OLIVIER, num flagrante apanhado quando num convênio de produtores inglêses, falava sôbre a crise que atravessa o atual cinema inglês. O famoso astro regressou há pouco de Hollywood, onde estêve trabalhando ao lado de Jennifer Jones em «Carrie», sob a direção de W. Wyler.

PROJETA-SE em Londres a realização de uma película sôbre Shakespeare. Para interpretar a figura do famoso personagem inglês, foram indicados como favoritos os nomes de Lawrence Olivier, Alec Guinnes (que vimos recentemente como Disraeli, em «O Garôto e a Rainha», e Richard Todd. E' bem provável que Lawrence Olivier seja também o diretor do filme. Para completar o elenco, seriam escolhidos Vivien Leigh, Ralph Richardson e John Gieguld. Projeta-se ainda as filmagens de «The Long Dark Hall», com Rex Harrison de «Beauty Queen», de Frank Launder e de «Frou-Frou», baseado na conhecida opereta de Jean Kent, e que seria rodada em tecnicolor. ★ Foi fechado o acôrdo pela qual a distribuidora inglêsa Archway, apresentará os filmes italianos distribuidos pela Lux Film, na Grã Bretanha. Entre os filmes que serão apresentados por aquela companhia, destacam-se entre outros: «Oliva, Incantesimo Tragico», produzido pela Epic Film com Maria Felix, Rossano Brazzi e Massimo Serato; «Guardie e Ladri» com o impagável cômico Totó e Aldo Fabrizzi.

JÁ se iniciaram as filmagens de "LONE STAR", nova produção de Z. Wayne Griffin, dirigida por Vincent Sherman, cujos papéis principais estão a cargo de Clark Gable, Ava Gardner, Broderick Crawford e Lionel Barrymore.

★

★ Após terminar "TOO YOUNG TO KISS", em que aparece ao lado de June Allyson, Van Johnson deverá embarcar para a Europa, acompanhado da espôsa. O casal fará uma viegem de recreio em tôrno do continente antes de Van se apresentar aos estúdios da Metro-Goldwyn-Mayer na Itália, onde será filmado "WHEN IN ROME", a ser produzido e dirigido por Clarence Brown.

★

★ Debbie Reynolds e Carleton Carpenter estarão reunidos em "PEG O' MY HEART", o terceiro filme que apresenta a jovem dupla. Serão vistos em "EVERYBODY SWIMS", com Esther Williams e em "TWENTY-ONE DAYS", em que êles são os astros. Joe Pasternak será o produtor.

ESTADOS UNIDOS

★ Em gozo de férias, Kathryn Grayson, deverá seguir dentro de breves dias para Honolulu, onde, combinando o útil ao agradável, apresentar-se-á ao público em três espetáculos. Em seguida começará os ensáios paia "LOVELY TO LOOK AT".

★

★ Alguns filmes em produção: CALLAWAY WENT THATAWAY, com Fred McMurray, Dorothy McGuire, Howard Keel — THE LIGHT TOUCH, Stewart Granger, Pier Angeli (a revelação de TERESA), George Sanders — LONE STAR, Clark Gable, Ava Gardner, Broderick Crawford — THE MAN WITH A CLOAK, Barbara Stanwyck, Joseph Cotten, Louis Calhern — TOO YUNG TO KISS, June Allyson, Van Johson — WESTWARD THE WOMEN, Robert Taylor, Denise Darcel, Hope Emerson.



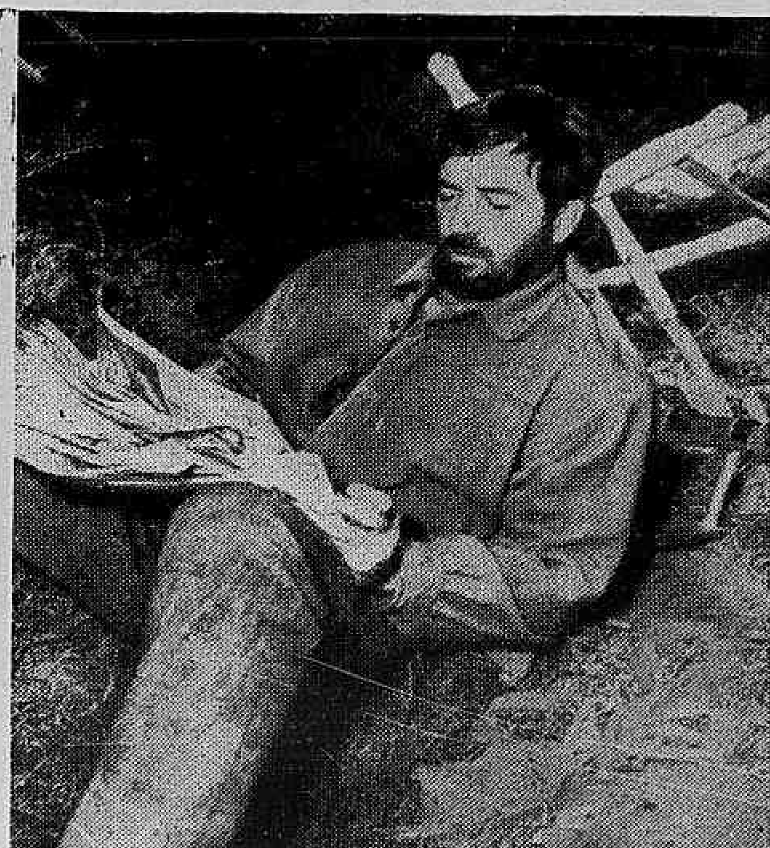
ALEXIS SMITH prepara-se para uma cena de «Here comes the Groom» a primeira comédia de sua carreira cinematográfica.



JOAN FONTAINE e RAY MILLAND, em «Here Comes the Groom», onde Milland faz novamente o papel de um ébrio inveterado.



ALAN LADD e LIZABETH SCOTT estão juntos em «Red Mountain» que conta a história dos guerrilheiros na época da guerra civil yankee.



JOHN PAINE aqui está descansando num intervalo de «High Aventures», da Paramount, rodado nos desertos da árida região do oeste.



JOAN FONTAINE, nesta recente foto, tomada em sua residência em Beverly Hills, após a sua «tournée» pela América do Sul, aparece com sua filha Debbie (em baixo), e com a pequenina peruana Martija Pereya, de cinco anos e meio. Joan, conheceu Martija quando de sua recente viagem ao nosso continente e depois de entrar em comum acôrdo com a mãe da menina levou-a para Hollywood.



CECILE AUBRY, a «estrelinha» francesa que Hollywood robou de Paris, sofreu recentemente um acidente quando filmava algumas seqüências de «Barba Azul» sob a direção de Christian Jacque. Isso no entretanto não a impediu de assistir à «premiére» de «Il Console» de Menotti, no «Thèatre des Champs Elysées». Aqui está Cecile no seu magnífico vestido de gala assistindo calmamente a estréa.

★ A "cura pela água" outra variedade da clássica comédia para rir foi usada pelo Produtor-Diretor George Stevens em "Na Voragem do Vício" (Something To Live For) da Paramount do qual são protagonistas JOAN FONTAINE e RAY MILLAND. Ambos estavam tomando refrêscos no "set" onde se está filmando êsse vivido drama da vida moderna foi batida uma chapa dos dois. Numa das dramáticas cenas do filme que gira em tôrno de uma atriz que se dá ao vício da embriaguês, interpretada por Joan, e de um agente de publicidade que a liberta do alcool, que é Ray, uma nota cômica, bem paradoxal, surge e faz rir. Joan, no filme, está inteiramente embriagada, atirada sôbre o leito do seu hotel, se bem que devesse estreiar na Broadway naqula mesma noite. Ray Milland, um alcoolatra reformado que se propôs ajudá-la, encontra-a naquela situação, e determinado a "cura-la" a tempo de fazê-la aparecer ao levantar da cortina do teatro, leva-a à sala de banho próxima, enfia-lhe uma touca por sôbre os louros cabelos da atriz e abre o chuveiro a tôda fôrça sôbre a jovem inteiramente vestida! O que cria uma situação que oferece uma gama inteira de emoções que vão do riso franco às lágrimas.

★

★ Ao entrarmos no set onde as câmeras já estão girando para uma nova produção de Hal Wallis vimos Alan Ladd que tem muitas ocasiões de usar suas pistolas, enquanto ama Lizabeth Scott e luta com John Ireland numa história de guerrilheiros do tempo da Guerra Civil. LIZABETH SCOTT parece inteiramente familiarizada com as roupas de fronteira que usa com garbo. HAL WALLIS e ALAN LADD estavam empenhados numa conferência no set no momento em que uma fotografia foi apanhada. Discutiam planos de ação para a seqüência de perseguição em grande escala que ia ser filmada logo depois. Liz, mais interessante do que nunca em suas roupas rústicas, reune-se ao seleto grupo de "estrêlas" que abandonam de vez em quando as sêdas e veludos pelas botas de couro. O filme no qual Alan Ladd e Lizabeth aparecerão juntos se chamará "Red Mountain".

ITÁLIA

SELZNICK, que mantém sob contrato na América, a atriz italiana Alida Valli, permitiu que a mesma fosse à Itália, a fim de sob contrato com os produtores De Laurentis e Ponti aparecesse na nova produção desta dupla, intitulada: «Perdizione». Para atuar neste filme Alida Valli, receberá nada menos de 70 milhões de liras. O filme que tem sua história girando em tôrno das corridas de automóvel na Itália, será rodado parte em Roma, parte em Milão e parte no Autódromo de Monza. Neste filme ao lado de Alida, veremos ainda, Amedeo Nazzari, Michel Auclair e Raf Vallone, além do famoso corredor Nino Farina. «Perdizione» será baseado na comédia «La Biondina» de Marco Praga e lançará uma nova sensacional descoberta de De Laurentis, a linda Gianna Segale, de dezenove anos. ★ TENNESSEE Williams encontra-se em Roma a fim de discutir com Isa Miranda a possibilidade da apresentação na Europa, de «Rosa Tatuada», sua nova produção. Isa foi convidada para representar a referida peça em Londres, no original, em Paris, em francês, e em Roma, em italiano. Isa Miranda anunciou também que deverá iniciar em breve as filmagens de uma pelicula extraída de «Mike Mc Cauley», peça com a qual obteve grande sucesso nos palcos da Broadway. Essa produção será distribuida por uma companhia independente de Hollywood. ★ «E' l'amor che mi rovina», «O K. Nerone» e «Mandrin», são os títulos dos filmes que Mário Soldati dirigirá às expensas do Marques Niccoló Theododi, para a I.C.S. Em «O.K. Nerone» vamos encontrar os nomes de Silvana Pampanini (nossa conhecida de «Santo Antônio de Pádua»), Walter Chari e Carlo Pampanini.



ISA MIRANDA, está francamente em ascenção, aqui a vemos como aparece em «Mike Mc Caully», peça que está obtendo um grande sucesso.

HOLLYWOOD ME ENSINOU: COMO SE CONQUIS





O PRIMEIRO ENCONTRO pode dar-se em qualquer lugar, numa dessas esquinas de construção permanente que existem em todos os estúdios americanos. Aproximamo-nos da pequena e lhe pedimos que acenda nosso cigarro. Ela finge que recusa, diz que não fuma, elogiam seu vestido, seu decote, seus braços, sua bôca, seus cabelos e em menos de um minuto nosso cigarro está aceso. E nós também. Tornamo-nos, automàticamente, delicados, com cavaquinho ou sem o dito. A moça agiganta-se em nossa frente. Representa a figura de nossos sonhos. Lembramo-nos então dos poetas e suas frases começam a saltar de nossos lábios. Geralmente as pequenas pensam que são de nossa autoria. Se não gostam, apressamo-nos em dizer o nome do autor. E ficam calados. Ela começa a sorrir. Convidamo-la para um passeio. Ela diz que não, que não pode, que tem compromisso, que não nos conhece direito, que fica feio sair com estranho, que tem de pedir licença ao papai, que mamãe vai ficar zangada. Mas sái.

O SEGUNDO ENCONTRO dá-se, geralmente, à porta de sua casa (dela). Conta-nos a dificuldade que teve de enfrentar para convencer a mamãe e o papai de que somos um rapaz direito, bem intencionados. Suas mãos macias envolvem-nos o pescoço. E nossas mãos avançam mais alguns centímetros do terreno a conquistar. Nosso sorriso desfaz-se e passamos a usar uma expressão amorosa. Ela nos leva a sério e nos revela seus segrêdos, seus fracassos românticos. Diz que não acredita mais nos homens, que são todos uns fingidos, interesseiros. Novamente elogiamos seus vestidos, suas mãos, seus cabelos, seus lábios. Fazemos uma pausa e ela começa a acreditar na nossa sinceridade. E revela-nos então tôdas as suas complicações. Seus problemas passam a ser inteiramente nossos. E ela passa a ser nosso problema.

TA UMA GAROTA por leon eliachar





O TERCEIRO ENCONTRO dificilmente chegaria, não fôsse a insistência do diretor que nos obriga a amparar a jovem e indefesa menina, constantemente assediada por um bando de «gangsters». Seu pai fôra liquidado na semana passada, sua mãe fugira com o chefe da quadrilha, seus irmãos foram mortos em combate, sua casa foi incendiada e suas jóias foram roubadas. Nada lhe resta, senão nós mesmos. Ao menos é isso que ela nos dá a entender. Levantamo-nos então daquela situação incômoda que nos colocára de joelhos diante de sua figura bela de mulher e tornamo-nos donos absolutos da situação. Ela deixa cair sôbre nós todo pêso de seu drama, uma vez que compreende que ela própria é o nosso drama. Abrimos os braços, ainda indecisos, e amparamos o drama. Ela vive martirizada, assustada e compreende ràpidamente que o melhor refúgio somos nós mesmos. E é justamente quando aproveitamos a situação para oferecer-lhe um «drink» em nosso apartamento.

O QUARTO ENCONTRO é inevitável. Já temos todos os planos preparados. Liquidaremos a quadrilha em três ou quatro cenas, compramos-lhe uma casa nova, visitamos três ou quatro joalherias, jantamos numa «boite» de luxo e tomamos um taxi. Abraçamo-nos durante a viagem. Aproveitamos as curvas para beijá-la e as freiadas para abraçá-la. Saltamos diante de nossa casa, pagamos a conta o chofer e mandamo-lo guardar o trôco. Ela se mostra surprêsa, diz que não mora ali naquele prédio. Nós respondemos que moramos ali e que o que é nosso é dela também. Ela começa a duvidar de nossas intenções. Diz que não entra, que não está com sêde, não quer beber nada. Tentamos convencê-la com palavras. Ela não cede. Fazemos-lhe novas propostas. Ela não cede. Então tentamos novamente as cenas iniciais: abraçamo-la. Ela recua. Agarramo-la fortemente e tentamos convencê-la à fôrça. Aplicamos-lhe dois beliscões e dois tabefes. Por fim, cede. Mas isso é no cinema, amigos, onde a fôrça predomina. Na vida real, a pequena cái logo na primeira cena.



Aquela criança inocente e de rara compreensão das cousas do mundo era a discordia e o objeto da guerra entre dois homens que se odiavam. A criança era filha de um amor conseguido sob violência.

A HISTÓRIA DE ROBERTO COÑEDO E EMILIO FERNANDES É QUASE HISTÓRIA DO CINEMA MEXICANO!

Por JAIME VALDÉS

DESAFIANDO a resistência familiar Roberto Cañedo, ingressou como "Barman", no clube de cinema da cidade do México, em 1938. O clube de cinema era então, o popular centro de reunião da gente de cinema. A família de Cañedo, bem colocada na vida, considerava degradante o fato de um dos seus membros estar servindo de garçon de artistas. Mas Coñedo se sêntia feliz em seu pôsto, confiava no futuro e fazia castelos enquanto servia o seus freguêses. Dir-se-ia que desempenhava o seu papel com raro brilhantismo. Seu bom humor, sua educação e deligência o converteram em preferido por todos os clientes, Um dia os rapazes da imprensa, em letras de fôrma o declararam o garçon perfeito. Êste fato exasperou a sua já escandalizada família, Roberto porém, manteve-se firme ,na sua decisão. Foi nessa época que o conhecemos e nos confessou ter escolhido êsse caminho por julgá-lo o mais curto para o cinema. Alí entre servir um copo e outro, teria oportunidade de conhecer e privar com artistas, diretores e produtores. Esperava o milagre de travar conhecimento com alguém que lhe abrisse as portas dos estudios. Tudo aconteceu como êle esperava, sòmente que o advento só se verificou com doze anos de atraso. No clube de cinema veio a conhecer Emílio Fernandes, que lutava desesperadamente, também, para conseguir uma oportunidade. Ninguém acreditava nêle. Ninguém suspeitava que anos mais tarde o prestígio mundial do cinema mexicano descansaria em seus ombros. Roberto Coñedo servindo taças e mais taças de café a Fernandes, que muitas vêzes, tinha dificuldade para pagar, recebeu palavras de confôrto e de esperança. Fernandes dizia, algum dia hei de ajudar-te. Cumpriu mais tarde a sua palavra.

A indústria cinematografica Mexicana progrediu sôbre a sua raquitica organização primária. O Clube de Cinema entretanto, regridiu e a gente de cinema fugiu dalí e Roberto os acompanhou. Foi logo admitido como extra e fêz a sua aparição ente a câmara fotografica em "CAPITÃO AVENTUREIRO" junto de Mojica e Manolita Saval. Depois desta apareceu em numerosas "películas". Mais tarde lhe foram confiados pequenos papéis, mas a oportunidade de destacar-se não chegava nunca, mas Coñedo não desesperava.

Preparava-se um espetáculo Mexicano para ser apresentado em Nova York: "UPA Y AIPA", no qual se meteu Coñedo como bailarino. Dois anos estêve fóra de sua Pátria, não venceu, porque os resultados do espetáculo e da "tornée", foram desastrosos. Desalentado quase, voltou ao México e começou nova luta; com resultados igualmente negativos.

Emílio Fernandes que por essa época já se encontrava triunfando, mandou chamá-lo para dar-lhe uma "ponta" em "BUGAMBILIA", o poeta enamorado de Dolores Del Rio. Ao terminar a sua atuação Roberto recebeu calorosas felicitações de Dolores Del Rio. Roberto acreditava que, por fim, alcancaria o triunfo, mas não foi assim, teve que voltar ás "pontas" e muitas vêzes aos conjuntos, pois tinha necessidade de subsistência. A única coisa que o alentava era a palavra amiga de Emílio Fernandes: "Eu te ajudarei!" Por fim chegou a sonhada oportunidade. Fernandes lhe prometeu o "estrelato" em "Pepita Jimenes", porém, "o homem põe e Deus dispõe". O produtor não aceitou a indicação, alegando que, não ia entregar a um ator sem nome, um tão difícil papel num tão caro filme. Em seu lugar foi escolhido Ricardo Montalban. Roberto desgostou-se, mas, ràpidamente, se refêz e volotu a ter confiança em si e em Fernandes, que lhe chamava sempre para pequenos papéis. Chegou então o momento, no qual Emílio Fernandes, podia dispôr a seu talento — seu prestígio o permitia — e fêz com que Roberto fôsse contratado para fazer o "galã" em "Salão México". Daí para o papel estrelar de Aurélio em "Pueblerina" foi uma necessidade do diretor e dos produtores. Cañedo converteu-se em "galã" da moda. Depois dêste filme cujo nome em português será "Manchada pelo Destino", os produtores o disputam. Pelo êxito alcançado nesta "película", da Ultramar Filmes, para a Pelmex, foi Cañedo várias vêzes premiado, possuindo a fita mais de quinze prêmios sòmente pela partitura musical de fundo. A direção de Emílio Fernandes foi premiada, igualmente, o foi a fotografía de Gabriel Figuerôa. A atuação de Roberto ao lado de Columba Domingues recebeu honrosos prêmios na Bélgica, Cannes, Veneza e nos Estados Unidos.

Roberto Cañedo é hoje, portanto, "astro" de primeira grandeza e também cantor de músicas típicas, sendo muito aplaudido nos teatros. Agora tudo é fácil para êle. Já lhe fazem "distinção com a mão direita e com a esquerda também" como diz êle. Recentemente os seus companheiros "extras" lhe ofereceram uma medalha de ouro e o governador do Estado de Jalisco, onde nasceu o artista, o condecorou pelo seu trabalho no Cinema. Roberto Cañedo que usa o seu verdadeiro nome no Cinema, nasceu em Guadalajara, Estado de Jalisco num dia 31 de março. Cursou alí, a escola primária a alí, fêz o seu curso universitário, vindo depois, para a Cidade do México, para lutar pelo cinema. Há quatorze anos contraiu núpcias com Nelly Valencia e ao seu lado tem sido muito feliz. Tem três filhos: Roberto, Francisco e Eugênia. Quando não está trabalhando passa o tempo ao lado da familia que adora. Roberto Cañedo venceu portanto, mas teve que lutar tenazmente, como aliás, lutou Emílio Fernandes é o próprio Cinema Azteca. As suas histórias se confundem e se completam.

★

Columba Domingues uma beleza estranha e Roberto Cañedo um másculo «galã», que dão vida e vigor ao profundo drama de «Manchada pelo Destino» (Pueblerina), sob a direção de Emílio Fernandes e fotografia de G. Figuerôa.

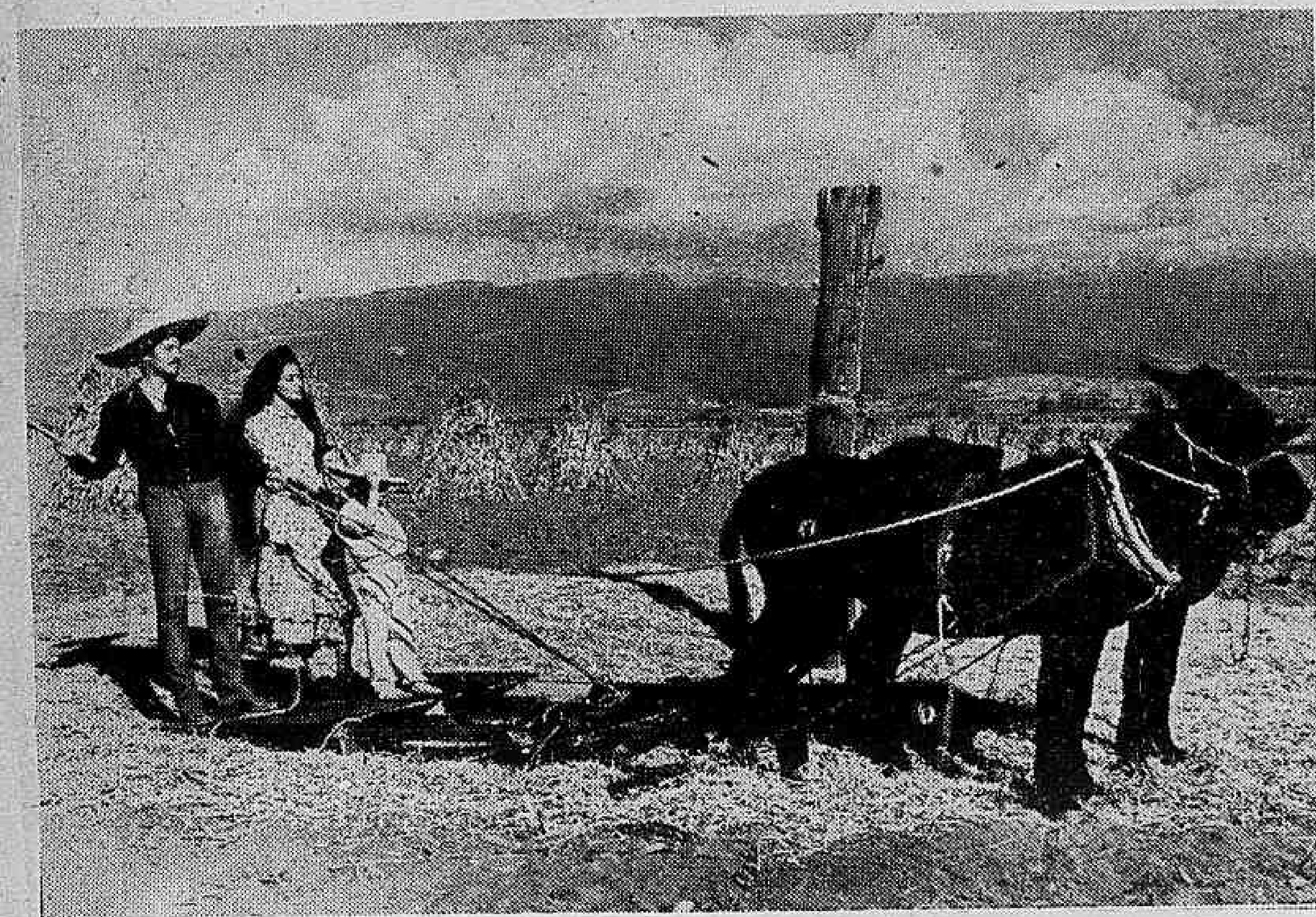




Uma simples mulher do campo vítima da terrível peçonha de malvados é obrigada a fugir com seu filho, fruto da violência de que foi vítima.



Paisagem maravilhosa bordava de ramos verdes e troncos cinzentos o ambiente em que aquela mulher sofria segregada, um dos momentos infelizes, em que cedeu a tempestade que leva à alma o espírito de cupido.



O amor à terra, essa terra dadivosa que dá pão e tranquilidade, não deixava que aquelas três solitárias criaturas abandonassem aquêle palco onde eram hostilizados e miseràvelmente castigados, por causa da beleza daquela jovem.

COLUNA DO FÃ

De uma cidade com 150.000 habitantes.

Piloro, o autor dêste Diário, é um homem que nunca conseguiu um lugar ao sol, porque a «marquise» do cinema não deixa. Curioso, observador e irônico, sai agora do anonimato literário. Que bom porteiro se perde...

1 9 5 0

19 DE SETEMBRO — TÊRÇA-FEIRA

Último dia do filme brasileiro tipo «me-mata-de-vergonha» POEIRA DE ESTRÊLAS. Um crítico comentou que «diante de tais filmes, é infrutífero o se registar o avanço do cinema brasileiro». Infrutífero? Com tanto «abacaxi»?

Em compensação, o povinho gosta que re rala. Acha artístico o Ciro Monteiro fantasiado de negro velho num dos quadros mais infelizes do mundo, aproveitando o magnífico «Algodão» de David e do Custódio. E' um gôsto nada hidrófilo.

Aliás, a imaginação dos revistógrafos de cinema, no Brasil, deixa o Chianca numa sandália (em louvor a Portugal). Por exemplo: suponhamos que o fulano vai compor um quadro sôbre a valsa «Deusa de Minha Rua». O cenário só pode ser uma rua «sem graça», com uma «poça dágua», uma lua ao fundo, e um seresteiro encostado ao poste fazendo... serenata mesmo. E' prodigioso. Ninguém seria capaz de tanta originalidade, nem mesmo um pastoril. E' um esbanjamento de «células cinzentas», como diria o Poirot, de quem tanto gosto.

20 DE SETEMBRO — QUARTA-FEIRA

Movimento grande hoje. Filme francês, impróprio até 18 anos, tive que deixar passar uns meninotes, porque o patrão quer é «ouro». Quem quiser, que prenda a garotada em casa. Segundo tenho observado, se o filme impróprio não é adjetivado pela imprensa como obra-prima, a casa se enche de rapazinhos e velhotes sòmente. A êsses, poucas exigências contam. Nada de «crânio». Do pescoço para baixo, é o que interessa. Às vêzes, áreas até mais restritas.

O novo filme, é um tal de «Anjo Perverso». Um sujeito entrou dizendo: «Já estou me Anjo...ando de filmes franceses»! E ainda há quem suporte trocadilhos!

Verei o filme amanhã e darei opinião. Particular, mas valiosa. Se eu quisesse, estaria brilhando como crítico cinematográfico nos jornais. Mas não quero. Sou filósofo.

Ah, gostosos filmes franceses, com garotas cheias de promessas subentendidas e ofertas evidentes! As americanas são muito lavadas, muito assépticas.

NOTA: — Êste Diário foi ditado, em sua maior parte, pelo autor, que leu as notas sebentas que vinha tomando num caderno. Nelson Pôrto recolheu e redigiu o mesmo.

NELSON PORTO (Utinga, Alagoas).

CORREIO DO FÃ

NELSON PORTO — Utinga, Alagoas — Sua carta é uma boa bola; divertida mesmo. Seu trabalho denota, realmente, senso de humor. Tanto assim que foi publicado neste número, na coluna do fã. Infelizmente, não nos é possível qualquer negociação, em virtude de termos já completo o quadro de redatores. Contudo, pode aperecer quando quiser, que aqui estamos à sua disposição.

EDSON ALBUQUERQUE GUIMARÃES — Nata, R.G. do Norte) — Impossível, devido à falta de tempo, mantermos uma correspondência particular com assuntos relacionados ao cinema; contudo, você pode fazer as perguntas que desejar que aqui estaremos ao seu dispor, okay? Providenciaremos, como você sugere, uma reportagem sôbre o Seminário de Arte, com séde no Museu de Arte de São Paulo. Aguarde. Apareça sempre.

JOAN CAUFIELD E A SWEATER

NÃO ha dúvidas de que o "weater" é uma peça de vestuário... como diremos... provocante, quando vestido por milhares. As "sweater girls" já foram discutidas, classificadas, analisadas e (isto é figurado!) até mesmo dissecadas...

"Creio que já foi dito tudo sôbre as "sweater girls, diz a bela Joan Caulfield, "estrêla" de "A Venus Moderna" (Gril of the Year), "technicolor" da Columbia com Robert Cummings. Há pessoas que estudam as garôtas de "sweater..." e há pessoas que estudam os homens que estudam as garôtas de "sweater!"

Essa conversa tôda saiu a propósito dos bonitos "sweaters que a linda "estrêla" usa nêsse, musical que a Columbia acaba de preparar.

— "Há até aquela história da estudante de um colégio misto, que, com um busto maravilhoso de linhas resaltadas por um "sweater" muito justo, encaminhou-se para o quadro negro para fazer a demonstração de um problema, dizendo: "Desejo que prestem bastante atenção em dois pontos importantes... O sorriso foi geral entre os rapazes. Era impossível que êles não prestassem atenção nos dois pontos importantes! E que pontos magníficos! Creio mesmo que êles não podiam prestar atenção a mais nada!..."

Na opinião de Joan Caulfield os homens de "sweater" parecem espectadores de um "match" de tênis. Já com as pequenas a coisa é diferente. Uma garôta bonita com um bonito "sweater" chama mais atenção do que Venus de Milo chamaria passeiando pelas ruas... E Joan é uma autoridade sôbre o assunto, pois sendo uma mulher notável pela sua elegância, apresenta-nos em "A Venus Moderna", uma série de modêlos admiráveis desenhados por Jean Louis e ainda aparece com vários "sweters" apenas... sensacionais!

— "E curioso estudar as variedades de reações que o "sweater" provoca nos homens... Aqui fazemos um parêntesis para discordar de Miss Joan Caulfield. O negócio não é o "sweater!" E' com... Bem, deixemos a "estrêla" prosseguir:

— "Há os admiradores violentos, que nos cravam uns olhos arregalados, sem a menor cerimônia. Há os disfarçados, que olham como o "rabo-dos-olhos..." Há os que assobiam quando a gente passa... Os que cerram os olhos, apreciativamente, e aprovam com um mo-

(*Continua na pág. 26*)

ESCOLHIDA UMA CANDIDATA



CANDIDATE-SE AO CINEMA BRASILEIRO

SERIA desperdício de tempo e espaço louvarmos a iniciativa de "A CENA", estimulando os novos para uma provável carreira no cinema brasileiro; o número cada vez mais crescente de candidatos e a repercussão que êste fato, único talvez em tôda a imprensa mundial, está despertando no meio das companhias cinematográficas do país, são um atestado visível de sua vitória definitiva.

OS LEITORES

que ainda desejam inscrever-se, e que são muitos certamente, pedimos preencher o fichário e anexar o coupon, juntando uma fotografia em papel brilhante, para melhor reprodução, cujo nome deve ser escrito no verso, a fim de evitar confusão e facilitar o nosso trabalho.

OS PRODUTORES

que se mostrarem interessados por algum dêsses candidatos, pedimos a fineza de nos escreverem, indicando não só o número da ficha como o nome do candidato e a data da revista em que a foto do mesmo foi publicada.



Esta foi a candidato solicitada pela América Filmes, conforme carta reproduzida abaixo. Trata-se da senhorita Jovita de Almeida Draeger, residente em São Paulo, e cujo endereço estamos enviando à referida companhia. A senhorita Jovita foi a 13ª candidata, cuja foto foi publicada em «A CENA» de 31-5-51. E dizem que o número 13 dá azar...

AMERICA FILMS

MARCA REGISTRADA
FUNDADA EM 1920
A MAIS ANTIGA PRODUTORA DE PELICULAS BRASILEIRAS

São Paulo, 14-6-51

"Candidate-se ao Cinema Brasileiro"
Redação de "A Cena"
Rio de Janeiro

Prezados Senhores

[illegible]

«Fac-simile» da carta que recebemos da América Filmes, de São Paulo, solicitando o endereço de uma das candidatas de nossa seção, o que estamos fazendo diretamente por carta. Esperamos confirmação.



CINEMATOGRÁFICA MARISTELA LTDA.

São Paulo, 19 de Junho de 1951

Ilmo.Sr.
LEON ELIACHAR
Revista "A CENA MUDA"
R. Visconde de Maranguape, 15
RIO DE JANEIRO

Prezado senhor:

Servimo-nos da presente para comunicar a V.S. que temos acompanhado com grande interesse a publicação do arquivo de candidatos ao cine nacional, que V.S. vem fazendo através da revista "A CENA", iniciativa de grande utilidade para o nosso cinema, agora em franco desenvolvimento.

Na primeira oportunidade teremos o prazer de, observando a lista publicada, semanalmente, aproveitar alguns desses elementos, de acordo com o interesse de nossas futuras produções.

Sendo o que se nos oferece, no momento, firmamo-nos, mui

ATENCIOSAMENTE

«Fac-simile» da carta que nos foi enviada pela Cinematográfica Maristela, de São Paulo, estimulando a nossa já vitoriosa iniciativa, que os seus diretores vêm acompanhando com interêsse.



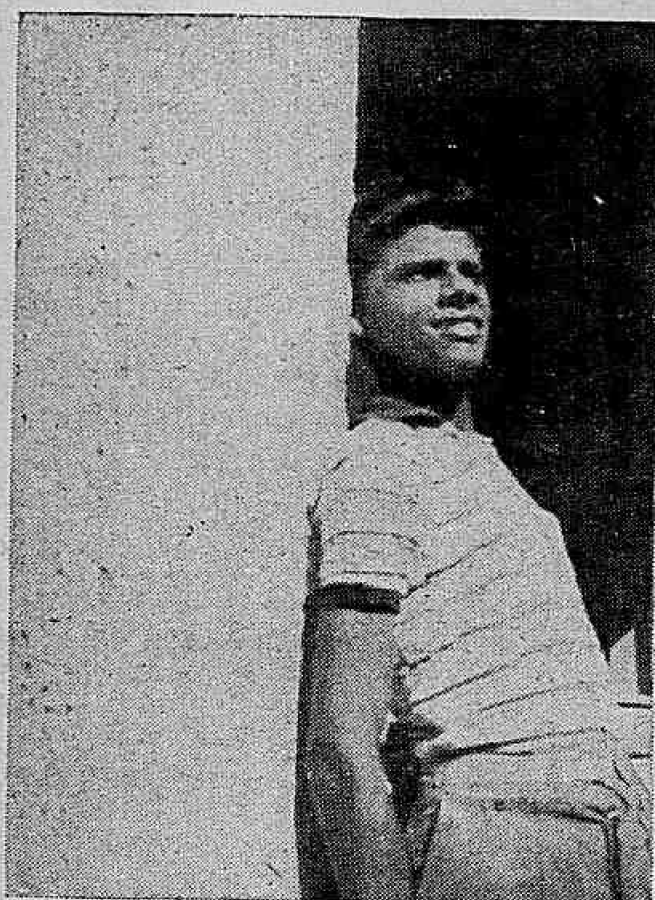
FICHA 101 — IRLANDA MENEZES, 16 anos, 1,54 de altura, 42 quilos, 4a. série ginasial, estudante, experiência artística como bailarina, toca piano, deseja ingressar no cinema. Reside em Salvador, Bahia.



FICHA 102 — GERALDO DANZI SALVIA, 20 anos, 1,75 de altura, 62 quilos, curso primário e comércio, comerciário, sem experiência artística, deseja ser ator. Reside em São Paulo.



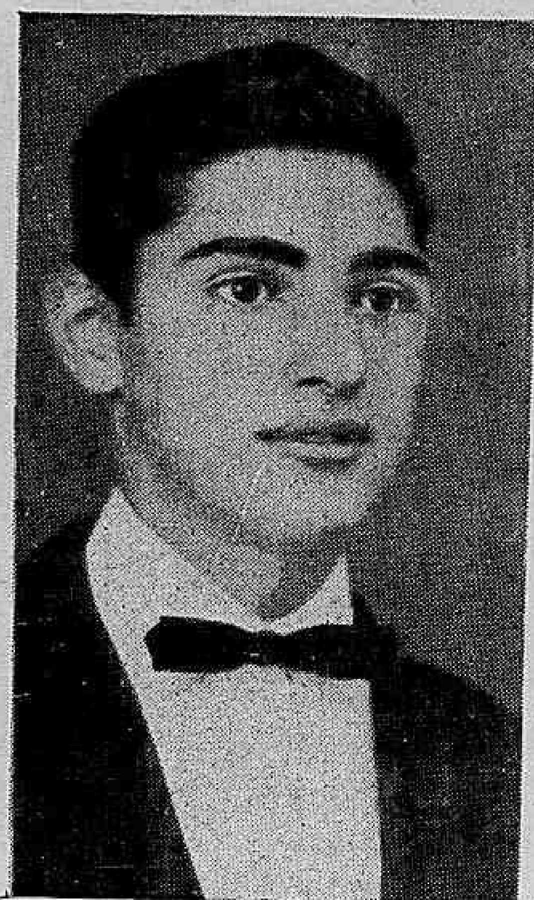
FICHA 103 — LÚCIO RANGEL, 15 anos, 1,66 de altura, 55 quilos, curso ginasial, cronista de rádio, experiência artística musical, toca harmônica de bôca e um pouco de piano, deseja ser argumentista. Reside em Campos, Estado do Rio.



FICHA 104 — DURVAL JOSÉ QUEIROZ DA SILVA, 16 anos, 1,60 de altura, 45 quilos estudante curso ginasial, deseja ser ator cinematográfico. Reside na Bahia.



FICHA 105 — ANACLETO PIRES, 23 anos, 1,75 de altura, 68 quilos curso superior desenhista mecânico toca harmônica de bôca, deseja ser artista de cinema. Reside em São Paulo.



FICHA 106 — JEAN JACQUES PEREIRA, 17 anos, 1,70 de altura, 68 quilos, estudante, curso secundário, experiência de palco, boa voz, deseja ser ator. Reside em Jaguarão.



FICHA 107 — SIMÃO SILSVESTRE E SILVA, 21 anos, 1,76 de altura, 72 quilos, curso de contabilidade, contador, experiência de teatro e cinema amador, toca guitarra e reco-reco, deseja ingressar no cinema como cômico. Nota: foto tirada durante a filmagem. Reside em Teófilo Otoni, Minas Gerais.



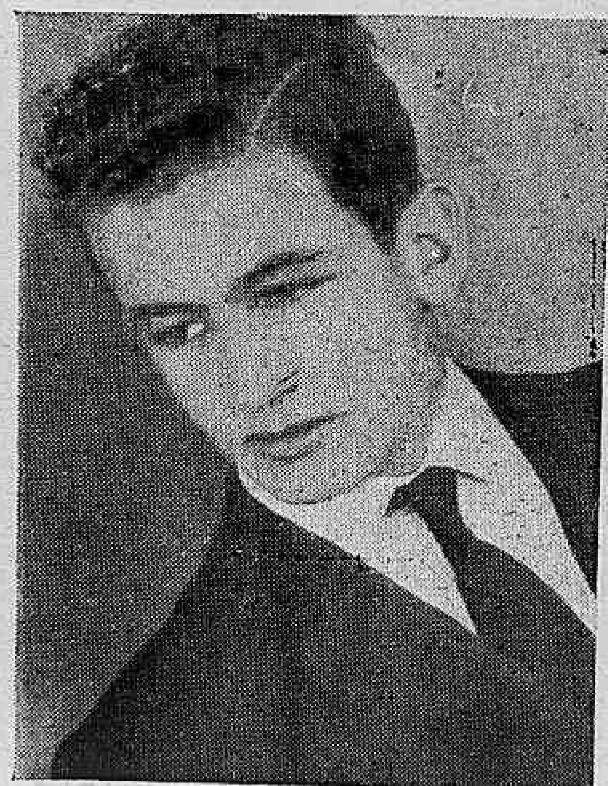
FICHA 108 — MIGUEL ALVES, 22 anos, 1,80 de altura, 63 quilos, curso técnico comercial, cantor profissional da orquestra de Sylvio Mazzuca, música brasileira e americana, atuando na Rádio Bandeirantes, deseja ser ator. Reside em São Paulo.



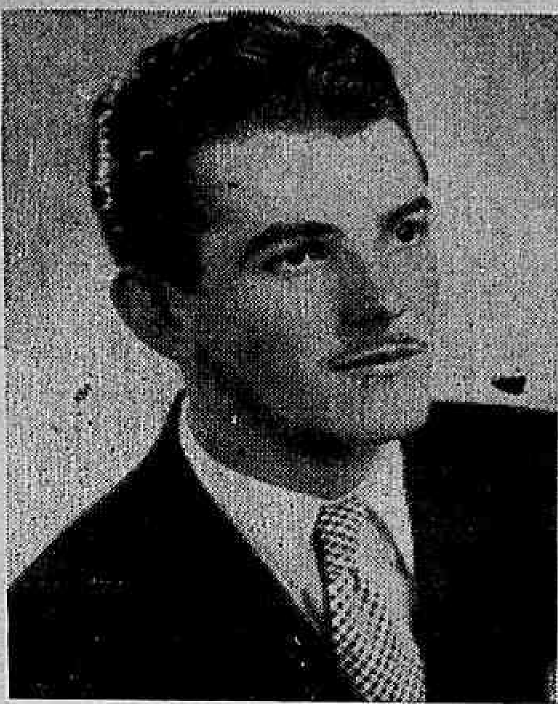
FICHA 109 — SEBASTIÃO ANDRADE MELO, 17 anos, 1,76 de altura, 63 quilos, curso ginasial, auxiliar de farmácia, deseja ingressar no cinema como tenor. Reside em Carangola, Minas Gerais.



FICHA 110 — ARY VITERBO SOARES, 23 anos, 1,75 de altura, 67 quilos, curso de formação de oficiais, rádio técnico militar, 1º tenente, toca violão, experiência como diretor teatral, deseja ser argumentista e ator. Reside em Goiânia, Goiás.



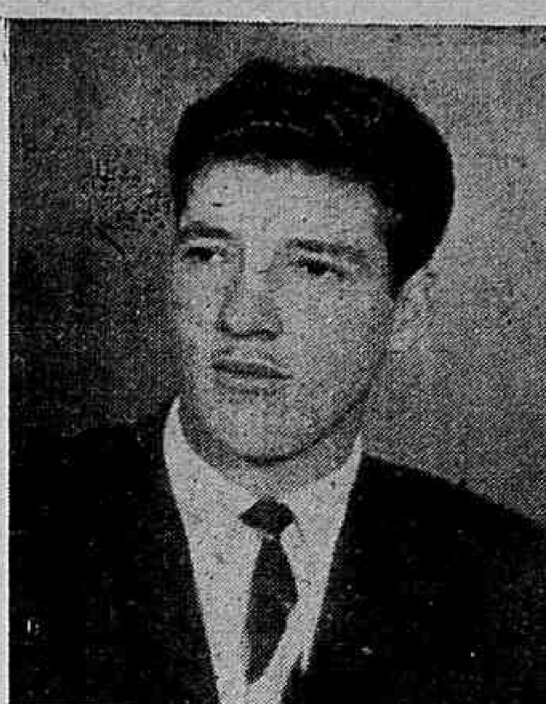
FICHA 111 — NELSON MARIANO, 20 anos, 1,65 de altura, 55 quilos, curso primário, locutor de rádio-repórter, toca violão, deseja ser ator, comediante. Reside em Monte Aprazível, S.P.



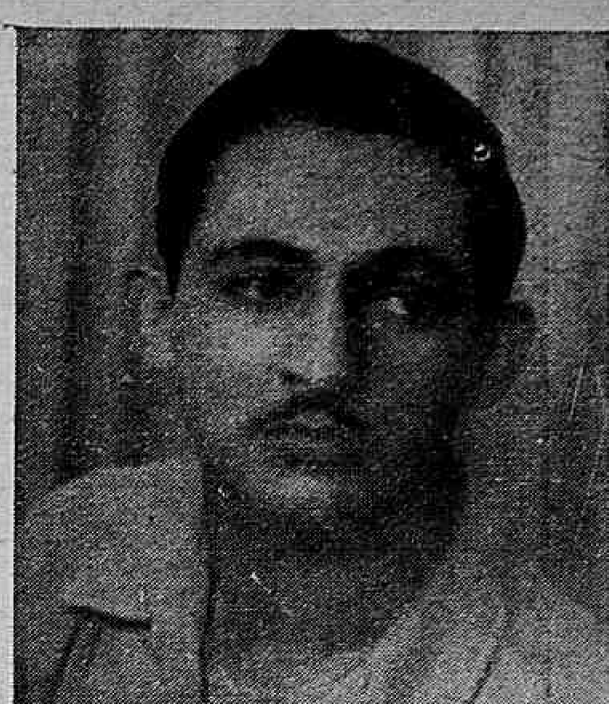
FICHA 89 — E. POLONIO, 23 anos, 1,75 de altura, 67 quilos, curso ginasial, bancário, sem experiência artística, deseja ser ator dramático. Reside em S. Paulo.



FICHA 90 — VIRGÍLIO FELIX PRADO, 19 anos, 1,60 de altura, 58 quilos, curso de rádio teatro e locutor, comerciário, experiência de rádio teatro, canta músicas populares, deseja ser ator. Reside em São Paulo.



FICHA 91 — AVELINO MARCHESIN PEREIRA, 22 anos, 1,73 de altura, 66 quilos, industriário de instrumentos musicais, curso primário, deseja trabalhar como cômico. Instrumento que toca: baixo. Reside em São Paulo.



FICHA 92 — ORCALINO ALMEIDA DE CARVALHO, 22 anos, 1.75 de altura, 60 quilos, 3º ano ginasial, alfaiate, toca trombone, estuda inglês e italiano, deseja ingressar no cinema em qualquer gênero. Reside em Cubatão, São Paulo.



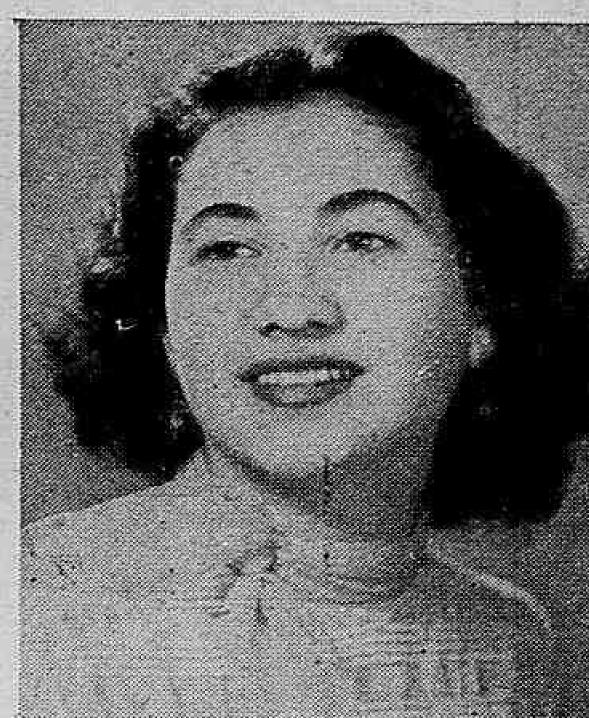
FICHA 93 — LEONOR ALVES TEIXEIRA, 25 anos, 1,63 de altura, 49 quilos, curso normal regional, estudante pouca experiência de rádio e teatro canta e dança, desejando ingressar no cinema. Reside em Andirá.



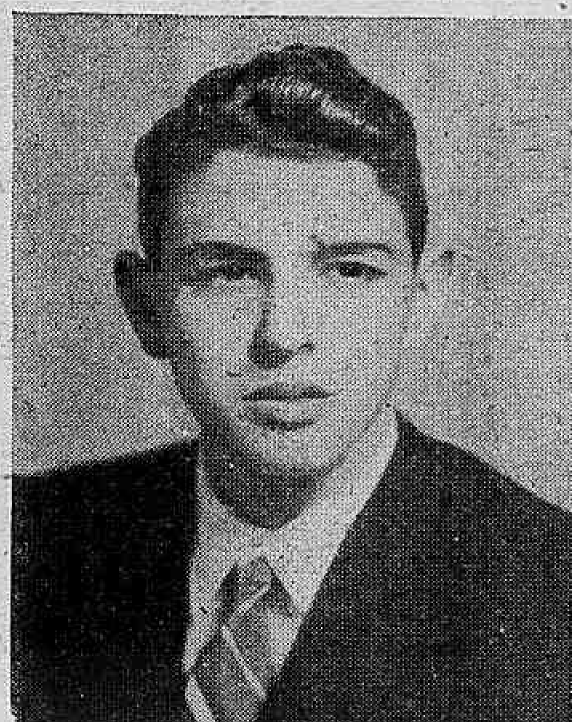
FICHA 94 — ADY TEREZINHA DE OLIVEIRA, 20 anos, 1,62 de altura 48 quilos curso primário, secretária, experiência de teatro juvenil, deseja ingressar no cinema, em qualquer gênero. Reside em Ponta Grossa, Paraná.



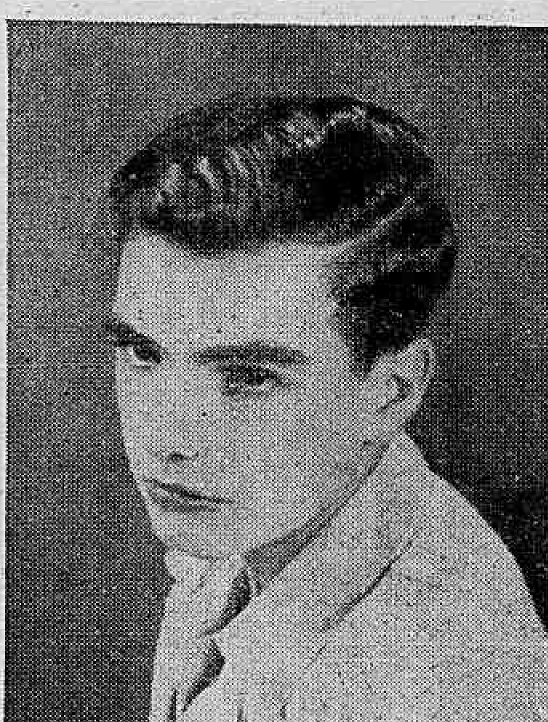
FICHA 95 — JUDITH ROSA, 23 anos, 1,58 de altura, 49 quilos, curso primário e dactilografia' escriturária, experiência de teatro, desaja ser artista de cinema. Reside em Cubatão, Estado de São Paulo.



FICHA 96 — SILVANA VIANY, 17 anos, 1,65 de altura, 56 quilos, 2º ano ginasial, estudante, sem experiência artística, deseja ser atriz. Reside em Londrina, Paraná.



FICHA 97 — NELSON GARCEZ, 15 anos, 1,72 de altura, 54 quilos, curso comercial, estudante, experiência de palco escolar, deseja ser ator dramático. Reside em São Paulo.



FICHA 98 — ROBERT MICHEL WILLIAMS, 16 anos, 1,76 de altura, 57 quilos, cursando o ginásio, comerciário, fala inglês correntemente, sem experiência artística, deseja ser ator. Reside em Andirá, Paraná.



FICHA 99 — RICARDO MONTENEGRO, 28 anos, 1,67 de altura, 57 quilos, 3º ano de engenharia civil, radialista, experiência de rádio-teatro, toca violão, deseja ser ator dramático. Reside em São Paulo.



FICHA 100 — ALBERICO EPIFANIO, 26 anos, 1,72 de altura, 60 quilos, estudante, motorista, experiência de cinema tenor lírico. Cargo que deseja exercer: tudo. Reside no Rio de Janeiro.

SAIRÁ EM JULHO!

O ÁLBUM DE A CENA MUDA

3.º NÚMERO — EDIÇÃO DE 1951

COM OS FAMOSOS ASTROS DA ATUALIDADE



CINEMA
RÁDIO
TEATRO
MÚSICA

MATÉRIA INTEIRAMENTE NOVA

— Dezenas de fotografias em tamanho grande, coloridas e numa só côr.
— Biografias completas no verso de cada foto.
— Vários artigos assinados por competentes críticos de cinema, rádio e música.
— Noventa e seis páginas, inclusíve 4 de bom humor.

RESERVE DESDE JÁ O SEU EXEMPLAR

NAS BANCAS DE JORNAIS DE SUA CIDADE.

Senhora!

Na toilette diária nunca deve ser esquecida a sua **HIGIENE ÍNTIMA**

Metrolina

**ANTISSÉPTICO
ADSTRINGENTE
BACTERICIDA**

JOAN CAUFIELD E...

(Cont. da pág. 30)

imento de cabeça, assim como quem diz "Sim, senhora..." "Há os que arranjam um serviço para fazer no lugar em que a gente está e nunca mais terminam êsse serviço... Enfim, eu creio que cada homem tem uma maneira especial de admirar um "sweater".

"Sweater", hein? E de que espécie é você, leitor amigo? De qualquer que seja, não deixe de admirar Joan em "A Venus Moderna". Você ficará sabendo que os "sweaters" são sempre maravilhosos quando os veste Joan Caulfield. Depois pegue um bonito "sweater" e vista-o numa tábua de engomar. Veja que efeito faz. Então você concordará comigo que os homens já admiravam os "sweaters" muitos e muitos séculos antes... que fôsse inventado o "sweater!"

CONFISSÕES DE . . .

(Cont. da pág. 13)

...ndu lhe obsequiou um tesouro e o presidente de um país irmão punha em suas mãos os destinos de sua pátria.

Desde que me atendeu em sua residência de Cidade México fiquei amigo de Maria. Recebeu-me como se nos conhecessemos de tôda a vida. E, desde êsse mesmo dia, comecei a penetrar nos segrêdos de sua vida. Dessa vida torturada que seu rosto não reflete... e que oculta ao mundo. Tenho pois agora as armas para defendê-la da maldicência. E a defenderei com razão e como amigo.

«Eu acho que posso confiar no senhor e ser seu amigo».

No próximo número: INTRIGAS e CALÚNIAS.

QUÊDA DOS CABELOS
Calvície precoce
JUVENTUDE ALEXANDRE
INSUPERÁVEL
Há cinqüenta anos
BELEZA e VIGOR dos CABELOS

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....
RUA .... Nº ....
CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

VALENTINA
CORTESA
(FOX)


ÁGUA INGLÊSA GRANADO



TÔNICA-APERITIVA
NAS CONVALESCENÇAS



O QUE VAI PELA BROADWAY

NEW YORK: — Não há nada como uma boa comédia musical, alegre, com boas músicas e muita pequena "boa", para nos fazer esquecer por 90 minutos que o custo da vida continua subindo e que o perigo de uma terceira guerra mundial continua mais próximo do que nunca. "On the Reviera", produção em tecnicolor da Twenty Century Fox que o cinema Roxy estreou esta semana, possui essas virtudes e mais Danny Kaye. E, si isso não bastassé, Gene Tierney e Corine Calvet estão presentes para justificar o valor da entrada.

Não preciso, porém, recorrer a plástica de miss Calvet ou à beleza exótica de Gene Tierney, para recomendar êsse filme aos leitores. Danny Kaye tem talento suficiente para tornar essa película num espetáculo divertido, especialmente se atentarmos para o fato de que Danny se desdobra em dois papéis a fim de melhor poder dar vasão à sua tremenda versatilidade, que se estende pela comicidade, canto, dança e impersonificações. Em "On the Riviera" Danny Kaye interpreta o duplo papel de Jack Martin "entertainer" americano num clube noturno na Riviera francesa e Henri Moran sofisticado herói da aviação francesa. As situações cômicas se sucedem intercaladas por bons números de dança dirigidos por Jack Cole e Danny Kaye canta alguns novos números especiais escritos por sua espôsa Sylvia Fine, tudo isso reunido em 90 minutos que tornam "On the Riviera" em uma das comédias musicais mais recomendáveis de 1951.

No show do palco o soprano Mimi Benzell do elenco do Metropolitan Opera House, domina inteiramente o público com a sua voz e arranca assobios dos "lobos" escondidos na penumbra d balcão.


★

A Columbia Pictures conseguiu captar a curiosidade do público com o lançamento de sua produção intitulada "M", cuja única virtude é de constituir-se, possívelmente, no título mais curto na história do cinema.

Essa película versa sôbre os hediondos crimes de um paranóico-esquizofrênico, que alarma a cidade de São Francisco com uma série de trucidamentos de indefesas crianças e apresenta a grande novidade de estrelar no papel principal o comediante David Wayne. Não sou própriamente fã de David Waye, mas acho-o razoávelmente aceitável em papéis inconsequentes, onde êle diz uma meia dúzia de piadas, toma dois ou três "scotch and soda" e deixa a gente com a impressão de que, no futuro, poderá ainda surpreender. Em "M", David esforça-se por convencer no papel de "baby-killer", mas tudo resulta inútil por falta de um bom diretor e a própria história do filme em nada ajuda por ser uma inconsistência desoladora. O único que se salva dêsse desastre cinématográfico é Howard da Silva, que consegue escapanhar a sanha do maior criminoso do filme, que é o seu próprio diretor. O cinema Brandt encarregou-se de lançar essa película que já entrou para a minha lista dos fiores filmes de 1951.


★

"O campeão" Kirk Douglas vestiu-se de "cowboy", colocou uma estrêla de xerife no peito e mete-se em complicações para salvar Walter Brennan dos linchadores. Mas essa tarefa é altamente compensadora para Kirk, si lembrarmos que a filha de Brennan é Virgínia Mayo. Tudo isso e mais alguns tiroteios você encontrará em "Along The Great Divide", que o cinema Strand lançou esta semana. O filme tem muita ação e Virgínia Mayo, o resto dependerá da sua atitude em relação aos filmes de "cowboy".


★

Para 90 minutos de bom humor, recomendo anotarem para quando for exibido aí: "On The Riviera", com Danny Kaye, Gene Tierney e Corinne Calvet.

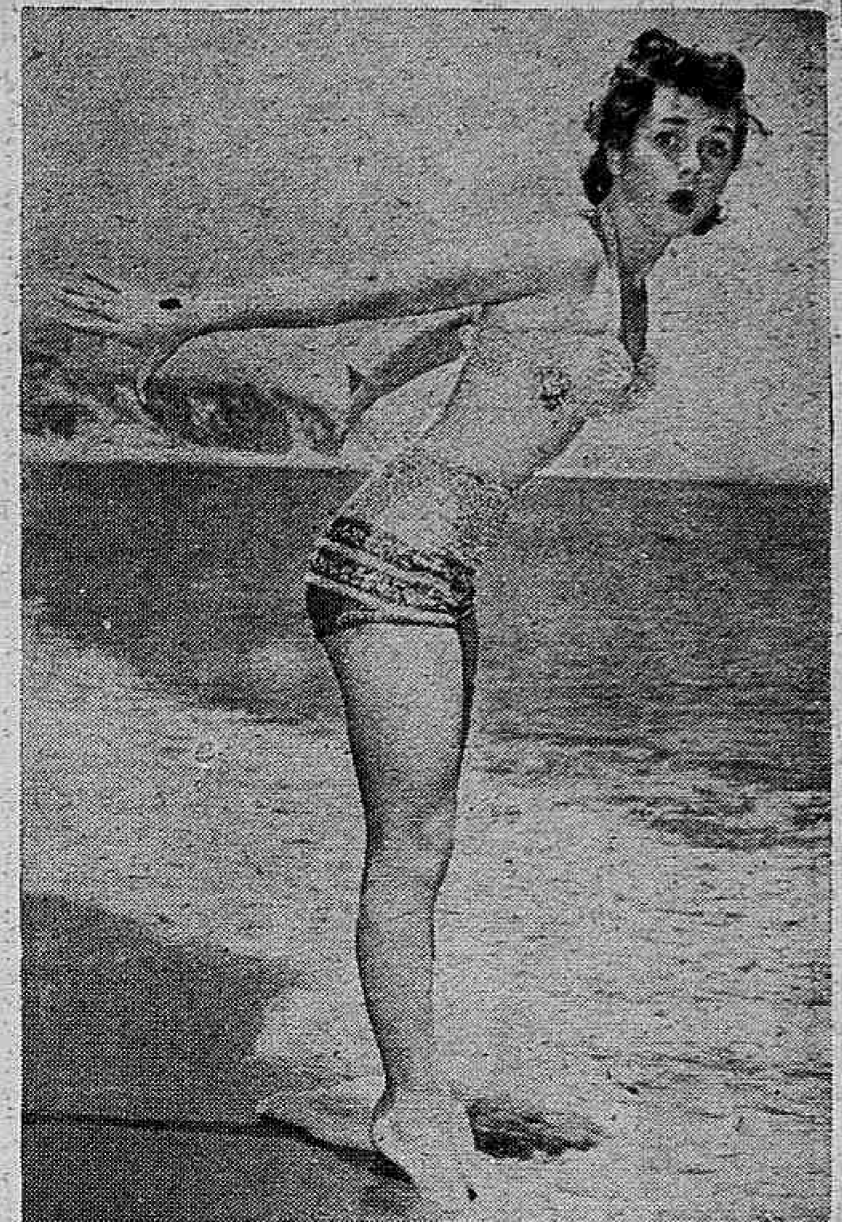
Antes e Depois



DEBBIE REYNOLDS

A nova e sensacional «ingênua» da Metro, Debbie Reynolds, nasceu em El Paso, no Texàs, mudàndo-se depois para Burbank, Cal., quando tinha a idade de 8 anos.

Após vencer um concurso de beleza local, assinou um contrato para o cinema. Seu trabalho de imitação de Helen Kane em «Três Palavrinhas» e seu interessante desempenho em «Two Weeks With Love» (que veremos muito em breve) elevaram-na ao estrelato. Debbie aparecerá, a seguir, com Lana Turner e Ezio Pinza no tecnicolor musical da Metro Goldwyn Mayer, É PROIBIDO AMAR, (Mr. Imperium). Será, outrossim, a «lady-partner» de Gene Kelly em «Singin' in the Rain», filme em preparo nos estúdios da Culver City.





AVA GARNER nasceu em Smithfield, na Carolina do Norte, no dia 24 de dezembro. Estudou as primeiras letras em Smithfield e posteriormente em Newport News, na Virgínia, para onde mudara-se a família, quando ela tinha doze anos. Voltou à Carolina do Norte, entretanto, a fim de cursar um ano no Atlantic Christian College, em Wilson. Seu objetivo era aperfeiçoar-se como secretária.

O destino surpreendeu-a quando uma fotografia sua, tirada por seu irmão, venceu um concurso na Metro Goldwyn Mayer. Logo a seguir submeteu-se a «tests» para a mesma companhia, que lhe valeram um contrato, mesmo sem experiência teatral. No estúdio da Metro, recebeu aulas de teatro, dansa e dicção, antes de fazer sua estréia em «Tu és a única». Depois apareceu em «The Hucksters», «The Bribe» e «East Side, West Side».

Mis Gardner terminou recentemente «Pandora And The Flying Dutchman», com James Mason.



AVA GARDNER



ROBERT YOUNG (Foto Metro)

Melodias para você

MÚSICA BRASILEIRA

SEREMOS FELIZES
(Valsa)

De Gomes Cardim, Lêle e Ayrton Amorim. — Gravado por Francisco Carlos

A vida é linda assim
Seremos felizes depois
Você viverá para mim
E o mundo será de nós dois } *Bis*

A valsa encantada
Iremos dançar
Você comigo abraçada
Seus lábios a me beijar
Dansando e cantando
Cantando e beijando —
Assim ficamos os dois
Seremos felizes depois.

★

APIMENTADINHA
(Mambo)

De Djalma Steves e U. Martelli — Gravado por Trigemeos Vocalistas

És assanhadinha,
Apimentadinha...
E não te importas
Que te chamem assim...
És deliciosa...
Morena mimosa,
Teu corpinho cheira
A rosas do meu jardim...
Se eu te roubo um beijo
Ficas a chorar...
Até que devolva
Em qualquer lugar... húu?
És assanhadinha
Apimentadinha
Teu amor é fogo
E póde me queimar !

★

EXTRANHO AMOR
(Samba)

De Darôto e David Nasser — Gravado por Dircinha Baptista

Extranho amor
Regressaste e eu te aceito
E novamente o silêncio
Entre nós foi desfeito.
Vinhas buscar nos meus lábios os beijos de outrora,
Extranho amor vingativo
Que me consome e devora.
Extranho amor
Regressaste e eu te aceito,
Pois minhas noites são longas
Os meus dias são vasios,
Perto de ti sofro muito,
Longe de ti sofre mais,
Somos iguais,
Vivemos do ódio do amor
Extranho amor...

★

MÚSICA ARGENTINA

E U S E I
(Samba-Canção)

De Paulo Marques e Geraldo Gomes — Gravado por Nelson Gonçalves

Eu sei
Que já não me queres mais
Eu sei
Que tens tôda razão em ter mágua de mim
Pois se fui eu o culpado
De todos teus ais
Bem sei tive a culpa dêsse teu sofrer
Não ter fim !...

Volto humildemente
Agora então
Implorando teu perdão
Por tudo que aconteceu
Pelos desenganos que passaste
De mim também te vingaste
E agora o infeliz, sou eu...

★

G A R U A
(Tango)

Gravado por Pedro Laurenz y su Orq. — Canta Tania, e Canta Pepe Aguirre

I

Qué noche llena de hastío... y de frío...
el viento trae un extraño lamento!
Parece un pozo de sombras... la noche!...
Y yo, en las sombras, camino muy lento...
Mientras tanto la garúa,
se acentúa,
con sus púas
en mi corazón...
En esta noche tan fria... y tan mía...
Pensando siempre en lo mismo... me abismo...
Y aunque quiera arrancarla,
desecharla
y olvidaria...
la recuerdo más.

(Refrán)

Garúa!...
Solo y triste por la acera
va este corazón transido,
con tristeza de tapera...
Sintiendo... tu hielo...
Porque aquélla, con su olvido,
hoy le ha abierto una gotera...
Perdido!...
Como un duende que en la sombra
más la busca... y más la nombra.
Garúa... Tristeza...
Hasta el cielo se ha puesto a llorar...

I (*bis*)

Qué noche llena de hastío... y de frío...
no se ve a nadie cruzar por la esquina...

O CARTAZ DO MOMENTO



Francisco Alves

SEM PROTOCOLO
(Samba)

De Francisco Alves e David Nasser — Gravação de Francisco Alves

I

Quase nua, quase morta
Tu bateste à minha porta,
E eu te dei pão e amor.
Repartí meu travesseiro
E em meu leito de solteiro
Entrou do sol o calor
Hoje despertei sorrindo
Sem saber que ias fugindo
Fugindo sem despedida
E a porta por onde entraste
Nem ao menos tu fechaste
No momento da saída.

II

Se eu estivesse acordado
Talvez ficasse calado
Pois não me ofende o teu gesto
Não pense que eu me consolo:
Quem entrou sem protocolo
Pode sair sem protesto.

A PEDIDOS

O AMOR É UMA CANÇÃO
(Samba-canão)

De José Maria de Abreu e Jair Amorim — Gravação de Elizete Cardoso

I

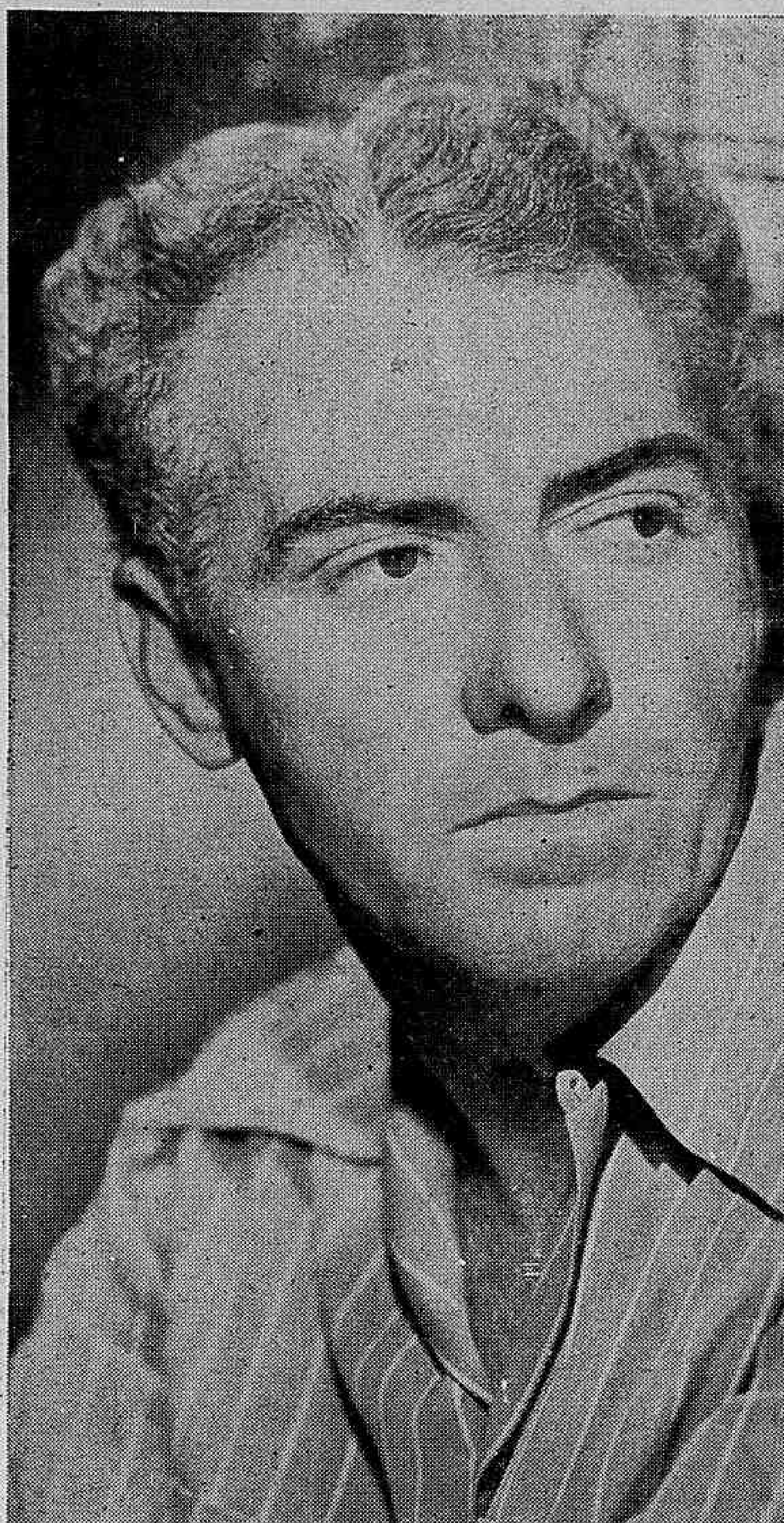
Por que tão tarde assim,
Se tudo acabou?
Por que voltas a mim
Se o que fui já não sou?
Outras mãos a sonhar afaguei
E outras bocas beijei...
E a carícia mais linda do amor
Já não tem mais calôr...

II

Por que tarde de mais
Posso voltar?
O amor é como a canção
Que um dia a gente aprendeu
Meu coração da canção
Já se esqueceu!

ARQUIVO DE BROOKLYN JACK







DIANA LYNN

PARA muita gente, uma simpatia. Para outros, uma tortura... Diana Lynn nasceu com o horroroso nome de Dolly Loehr em Los Angeles, Califórnia, Estados Unidos da América do Norte a 7 de outubro de 1926. E' pianista profissional e chegou ao cinema quase por acaso em 1940. Já apareceu em muitos filmes, quase todos da Paramount, sendo os principais: «A incrível Suzana», «Papai por Acaso», «Um romeu a prêmio», «Quero você morena», «Do outro mundo», «Almas em Flor», «A vida é uma só», «Louca Inocência», «Amei até morrer», «A Amiga da Onça»... Diana Lynn não é bonita e tem cara de ser muito chatinha, na vida real... Mas também pode ser que não seja... Ela tem, isto tem mesmo, um corpo infernal, tentalizante, e mais uma coisa e outra...

FRANK FAYLEN

É claro que você conhece Frank Faylen, amigo-leitor. Todo o mundo conhece Frank Faylen pela fachada. Muitos ignoram-lhe o nome. Mas isso não tem importância. Frank Faylen é um bom ator coadjuvante. Já apareceu em mais de 20 filmes, ora em papéis cômicos, ora em papéis sinistros!... Canta, dansa, sabe apanhar e mais isso, e mais aquilo... Justificativas para aparecer sempre na tela. Entre os seus filmes mais notórios figuram «Amarga Ironia», «Louca Inocência», «Champagne para dois», «Farrapo Humano», «Só resta uma lágrimas», «A Hiena dos Mares», «Califórnia», «Deus me deu um amigo», «Minha Vida e Meus Amores», «A Águia e o Gavião», «A Vingança de Jesse James». Frank Faylen já trabalhou para várias companhias de Hollywood, mas parece que na Paramount é que se adaptou melhor, pois ali permanece há um bom par de lustros... Frank Faylen é um bocado gosado, não acham? Êle nasceu em St. Louis a 8 de dezembro provàvelmente há cinqüenta anos passados, ou mais... Filho de atores profissionais...

MARY LADERA

MARY LADÊRA é brasileira, né Mary. Estréia no cinema em «Aglaia», o célebre filme de Alex Viany e Ruy Santos quase concluido e com um argumento marinho. Mary Ladêra não é exatamente um tipo de beleza. Mas dizem que tem um bocado de talento. Mary Ladêra é moça, muito moça mesmo. Mas o seu temperamento é assim de Katharine Hepburn, de Bette Davis, de Anna Magnani, isto é, das grandes balzaquianas da tela, né Mary? «Aglaia» é sua prova de fogo. Vai pra cabeça! O filme, dizem, saiu ótimo e vai dar o que falar o trabalho de Mary. Também, sob a direção de Ruy tinha que ser: o ex-cameraman é um tipo exigente e quando quer uma coisa, tem que ser! Mary Ladêra é atriz obediente, consciente, e seguiu, tim-tim por tim-tim as instruções do realizador. Resultados plenamente satisfatórios. Ainda bem! O cinema brasileiro precisa de atrizes pra poder caminhar para a frente e para cinema, mesmo porque os filmes brasileiros devem ser vistos porque os cinemas de outras terras particularmente de uma, continuam piores do que nunca!



FARLEY GRANGER

O mais popular dos atores jovens do cinema americano, Farley Granger, que, aliás, e rara coincidência, é realmente um ótimo ator, embora bonitão e sadío... nasceu em San José, Califórnia, Estados Unidos, a 1 de julho de 1925. Antes de entrar para o cinema, o que ocorreu em 1943, Farley Granger teve ligeira experiência teatral. Também atuou por algum tempo no rádio. Seu primeiro filme foi «Estrêla do Norte» a que se seguiu «Mais forte que a vida». Em seguida Farley foi lutar na Segunda Guerra Mundial. Andou namorando Lana Turner e outras boas, voltou do campo de batalha coberto de glória e recomeçou a carreira em boas condições. Com 6 pés e meia polegada de altura e pesando 159 libras, êle tem cabelos castanhos e cabelos castanhos-escuros. Seus filmes de após-guerra foram «Amarga Esperança», «Festim Diabólico», «Roseanna», «Vida de Minha Vida», «Encantamento», «Pecado Sem Mácula», «Alma em Revolta», e agora vem aí numa série de supers da RKO Radio (Samuel Goldwyn), estúdio a que pertence por contrato. Farley, como já disse, tem uma larga popularidade, muito merecida. E' menino de talento. E como os brotos suspiram, cada vez que vem um novo filme dêle!...

MUSICA

OSWALDO DA CUNHA

ARTHUR RUBINSTEIN

DEPOIS de um longo periodo de ausência, a volta de Rubinstein ao Brasil, e sua reapresentação à platéia carioca. na noite de 25 de julho próximo passado, constituiu, não apenas um acontecimento de máxima projeção no cenário musical de nosso pais, mas também, sem duvida, um marcante êxito social e artistico. A A.B.C., que tanto tem contribuido para a elevação do nivel cultural de nossas platéias, contratando e apresentando em seus saraus os mais credenciados nomes internacionais, tornou-se mais uma vez credora dos nossos mais calorosos aplausos pela rara oportunidade que proporcionou aos amantes da música erudita, de verem e aplaudirem o genial mestre do piano, Arthur Rubinstein. Uma assistência seleta e numerosissima lotava completamente o nosso Municipal, para receber com calorosos aplausos o inigualável artista que há tanto tempo não tinhamos a satisfação de ouvir. Abrindo o concêrto com a "chaccone" de Bach, maravilhosamente interpretada como só aos grandes é dado fazê-lo, Rubinstein, apesar da idade, mostrou-se o mesmo de sempre, correto, brilhante, impetuoso e senhor de uma técnica ilimitada e perfeita. Na" Sonata op. 57" (Apassionata) de Beethovem, dificilmente poderiamos analisar a sua atuação, tal o corretissimo e maravilhoso modo com que o genial pianista se conduziu. Seguiram-se três obras de Chopin, "Balada" em sol menor, "Improviso" em sol bemol é "Scherzo" em si bemol menor. Estas constituiram talvez as suas mais felizes interpretações. Com sua extraordinária e insuperável técnica, Rubinstein superou maravilhosamente tôdas as dificuldades pianisticas em que são tão pródigas as obras do genial compositor. A segunda parte do programa constituiu-se tôda ela de obras de compositores modernos, incluindo o "Rude poema", de Villa-Lôbos, escrito especialmente para Rubinstein. Mereceu do grande mestre a mesma apurada e magistral interpretação, culminando nas execuções da "Dança Ritual do Fogo", de Manuel De Falla e "Navarra" de Isaac Albeniz, que arrancaram da platéia entusiasmada, uma frenética e prolongada ovação. Rubinstein tocou, e com sua arte suprema e sua incomparável simpatia pessoal arrebatou àqueles que tiveram a felicidade de ouvi-lo. Vários extras brilhantemente executados encerraram esta grandiosa noite de arte, tão ansiosamente esperada.

NOTICIÁRIO

O «ANGELICUM» — Fundado, em Milão, pelos frades franciscanos do Convento de Santo Ângelo, é uma espécie de «cenáculo» onde se cultiva a arte sacra, nas suas manifestações no campo da pintura, da escultura, da literatura e da música. Sobretudo no setor musical, suas atividades desdobraram-se em ritmo intensivo, a tal ponto que, hoje, o grupo de artistas responsáveis — instrumentistas, cantores, maestros, compositores — é considerado o mais completo. Dêle participam elementos de grande projeção artística, como os dos maestros Ennio Gerelli, diretor da Orquestra, Amerigo Bortone, diretor do côro, do soprano Lina Zinetti e do tenor Mário Carlin. Dêle disse eminente crítica de Milão: «... Possui um diretor estável que a prepara e a cuida com entusiasmo juvenil e exemplar dedicação: o maestro Ennio Gerelli. E' essa Orquestra um instrumento coletivo de raro equilíbrio, que agrada plenamente e que, não duvidamos, se fará animar sempre mais, porque não lhe faltam nem disciplina, nem fervor, nem interêsse. E não lhe falta, também, a orientação de um diretor culto e sério, como o maestro Gerelli». Os espetáculos do «Angelicum» incluem uma parte sinfônico-vocal e outra operística. Para a realização da segunda, conta com um repertório de pequenas obras-primas da ópera bufa setecentista. O «Angelicum» realizará concertos no Teatro Municipal, onde estreará em princípios dêste mês.



Êste é ROBERTO BENZI um novo menino-prodígio que a Itália vem de apresentar ao mundo. Com apenas treze anos de idade Benzi tem se mostrado uma verdadeira revelação na arte da regência. Nascido em Biella, filho do diretor de uma escola de música particular, demonstrou desde cêdo grandes pendores para música, e com sòmente nove anos realizou o seu primeiro concêrto em Bordéus, em 1947. Não obstante a grande fama que vem grangeando em todo mundo, Roberto continua sendo um menino simples e modesto, interessando-se vivamente pela ciência, pela mecânica e pelos esportes, dos quais, é um verdadeiro apaixonado.

Pausa para meditação



MARLY PINHEIRO MACHADO (Foto NÓDGI)

GLOSSÁRIO CINEMATOGRÁFICO

HUGO SCHLESINGER

(Cont. do número anterior)

FOTOMONTAGEM — Montagem fotográfica.

FOTOSCÓPIO — Instrumento destinado a medir a intensidade da luz; instrumento destinado a ampliar fotografias.

«FOUND MUSICAL» — Fundo musisal (francês). Partitura musical utilizada sob o diálogo num filme. Música de apoio.

«FRAME» — Uma só imagem de um filme, quando fotograma.

FREQUÊNCIA — Número de vibrações em acústica, eletro-acústica.

FRIESE GREENE — Sistema do filme em côres.

FUSÃO — Superposição de imagéns que acabam numa só.

GRADAÇÃO — Escala de tons dos negativos e positivos.

GRAFONOSCÓPIO — Aparelho construido e patenteado por Baron, de gravação e reprodução simultânea de imagens e som, na freqüência de 20 imagens por segundo.

GRANDEUR — Formato de película «extra-largo» para fotografias panorâmicas.

«GUILD» — Chamam-se assim as organizações dos atores e produtores nos Estados Unidos.

HOLLYWOOD — Cidade da Califórnia situada ao norte de Los Angeles. Atual capital cinematográfica do mundo.

I.C.E.T. — Industrie Cinematografiche e Teatrali — Milano — Itália.

IDHEC — Instituto de Altos Estudos Cinematográficos em Paris.

ILUMINADOR — Pessoa da equipe a quem compete a tarefa de iluminar o quadro das tomadas sempre sob as vistas e orientação do operador.

ILUMINAR — Derramar luz sôbre um objeto; tornar claro.

IMAGEM — Representação de um objeto por desenho, pintura, fotografia.

IMAGEM REAL — Imagem formada pela convergência de raios que passaram por uma lente e pode ser projetada sôbre uma tela.

I.N.C.E. — Instituto Nacional de Cinema Educativo anexo ao Ministério de Educação e Saúde.

INVERSÃO — (Figura do estilo cinematográfico): Não dispôr imagens ou cenas na ordem natural. Esta figura tem como resultado a maior evidência de certas imagens ou cenas.

KODACHROME — Processo de fotografias em côres.

LANTERNA MÁGICA — Sistema ótico para projetar vistas fixádas em vidros, ampliando-as de modo considerável.

LEGENDAS — Curtas frases inscritas na parte de baixo da tela.

LAVANDA — Cópia lavanda é uma cópia positiva de um filme, a qual serve para poder ser feita dela um negativo controtipo, bastante fiel ao negativo original.

LENTE — Sinônimo de objetiva.

LUMINOSIDADE — O valor dado pela maior abertura da objetiva.

(Cont. no próximo número)

O MAIS BELO ORNAMENTO DE RESIDÊNCIA

ESCOLHIDO DA PRODUÇÃO DE 26 DAS MELHORES FÁBRICAS EUROPÉIAS

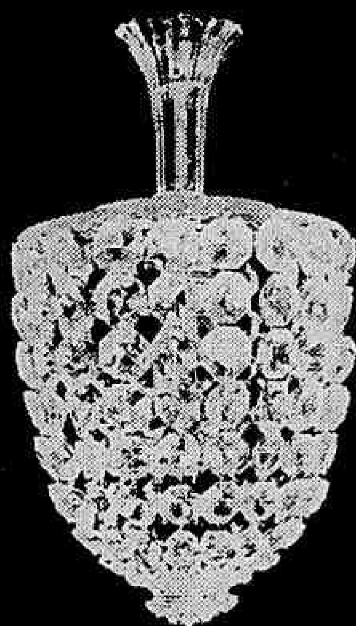
NILO RIBEIRO lhes oferece as seguintes vantagens:

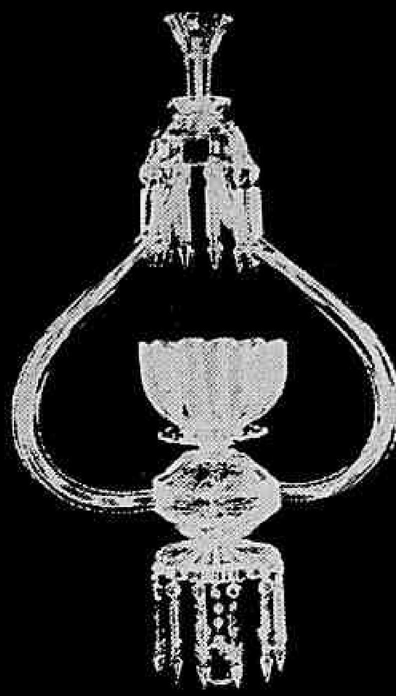
1.ª — Facilidade de pagamento e 30% de desconto.
2.ª — Vendas a varêjo por prêço de atacado por ser representante de 26 fábricas européias.
3.ª — Material de 1.ª qualidade.
4.ª — Transporte e colocação gratuita no Distrito Federal feita por profissionais especializados.
5.ª — Artistas decoradores para orientação na iluminação de sua residência.

GALERIA SÃO PEDRO

AVENIDA PRINCESA ISABEL, 126-D (Junto do Tunel Novo) — Telefones: 37-1200 e 37-3428

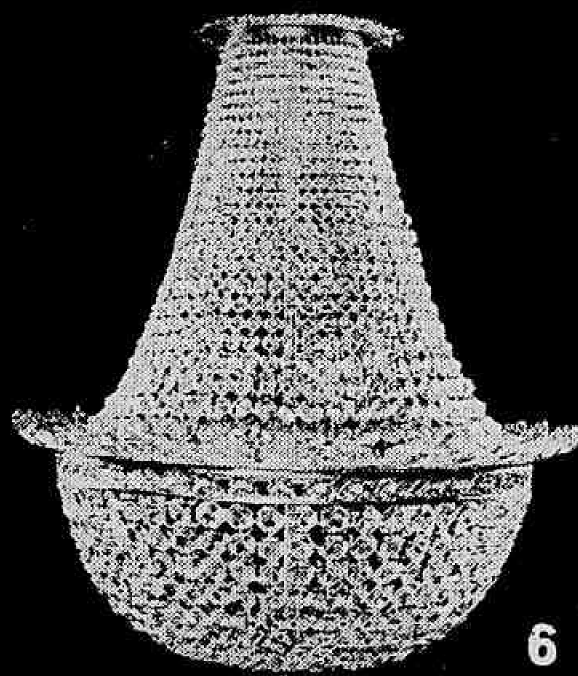

1


2


3


4

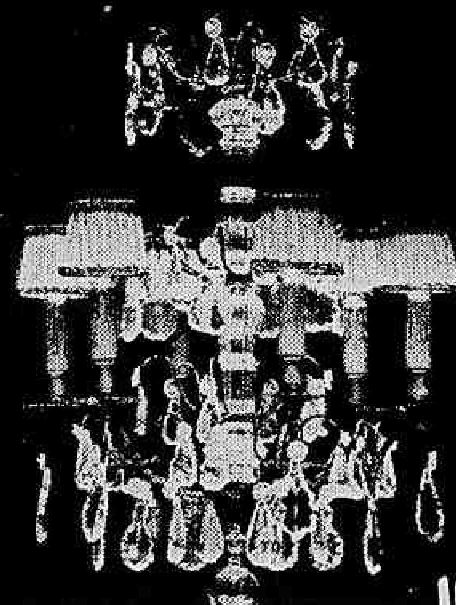

5

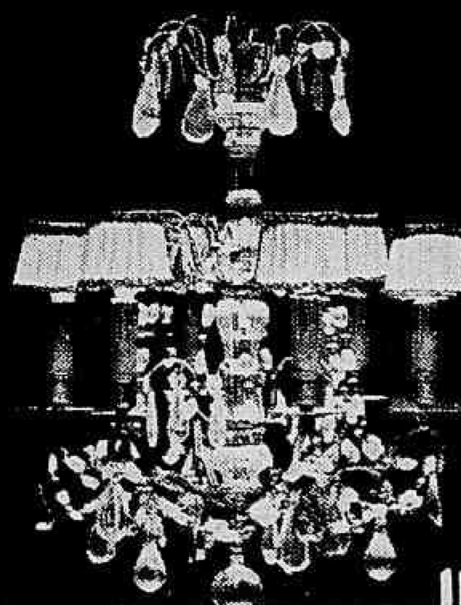

6

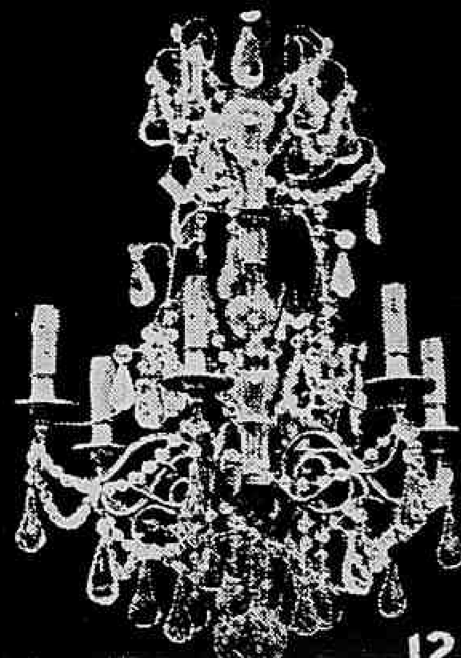

7


8


9


10


11


12

ACABAM DE CHEGAR DA EUROPA 146 MODELOS DE LUSTRES, LANTERNAS, APLIQUES E CANDELABROS PARA TODOS OS ESTILOS, E PRÓPRIOS PARA APARTAMENTOS. — TAMANHOS ESPECIAIS PARA HALL DE EDIFÍCIOS, HOTÉIS, ETC.

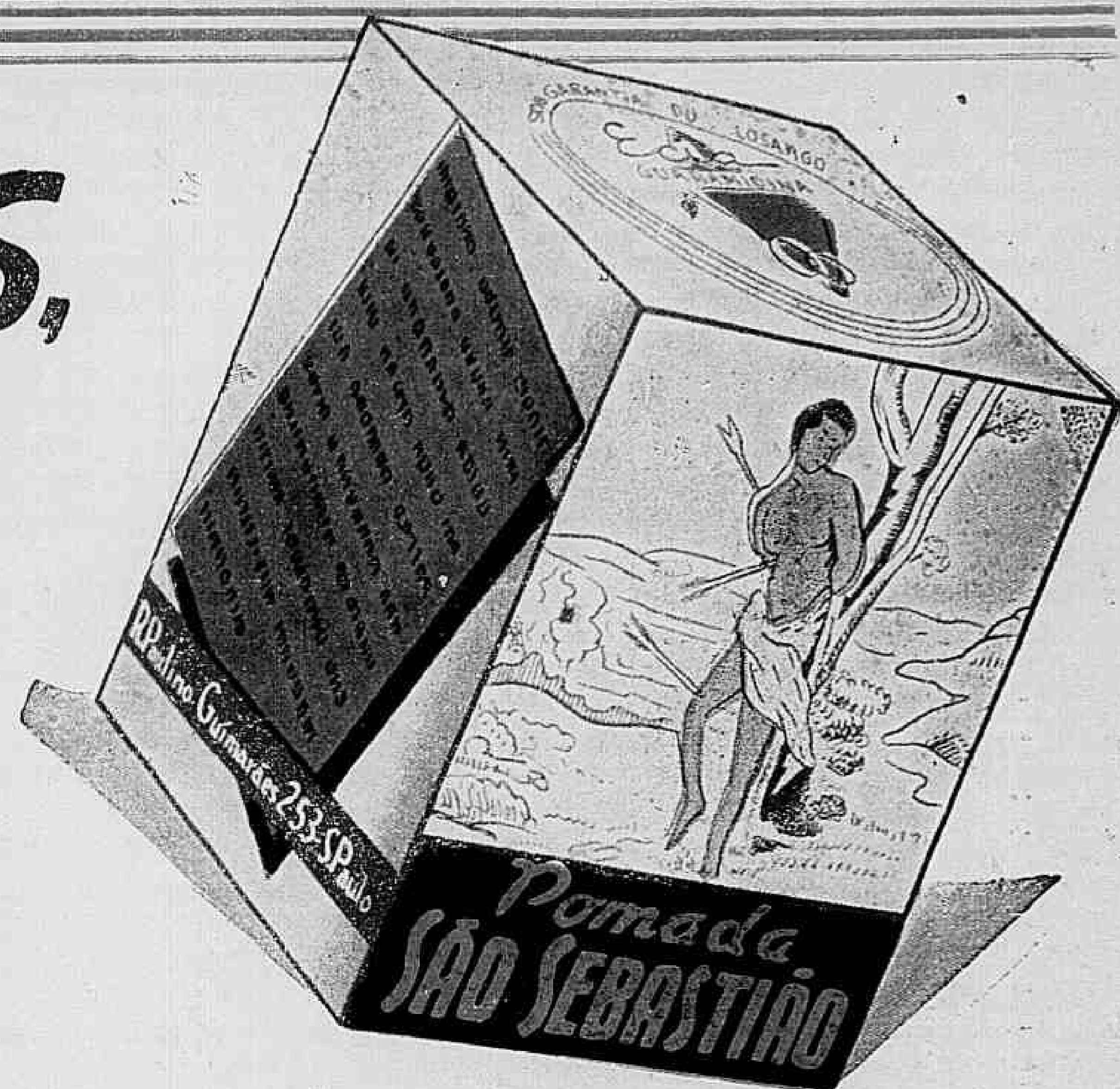
Não compre sem visitar a exposição da GALERIA S. PEDRO onde encontrará a melhor mercadoria pelo menor prêço.

FACILITA-SE O PAGAMENTO ★ REMESSAS PELO REEMBOLSO POSTAL ★ EXPOSIÇÃO: DAS 8 ÀS 22 HORAS.

Conserve a sua péle limpa e macia...



SARDAS, ESPINHAS E MANCHAS



Pomada SÃO SEBASTIÃO